

# Revolução



*cresce o poder popular*



*o reformismo manobra*

*OS TRABALHADORES  
PEDEM ARMAS*

**ANGOLA**

**MPLA**

**P. 8/9**

**PODER POPULAR**

**P. 4/5**

**A ARMA**

**G-3**

**P. 15**

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

# Revolução

## COMUNICADO DA FUR DESARMAR A QUEM?

Desarmar o PPD, o CDS e o ELP, ou desarmar os órgãos de Poder Popular e forças revolucionárias e progressistas?

Esta é uma pergunta que fazem os militantes revolucionários e milhares e milhares de trabalhadores deste país, que sofreram na carne as pesadas consequências de dezenas de anos de feroz exploração capitalista e terror fascista. Esta é uma questão de opção de classe, esta é uma questão de se ser pela Revolução Socialista e pelo poder dos trabalhadores, ou de se ser pela contra-revolução e pelo poder da burguesia.

Milhares de armas têm entrada

em Portugal, com destino às forças de direita, quer atravessando a fronteira de Espanha, quer utilizando as malas diplomáticas, quer vindos com muitos dos retornados.

Os homens do actual poder burguês que governa o país, os chefes militares e as organizações políticas, que muito se tem preocupado com a "necessidade do desarmamento dos civis", investigaram eles quantas armas têm alguns dos partidos da coligação, apanharam-lhes essas armas e prenderam os reacţionários? Qual o papel que têm desempenhado na captura dos fascistas do ELP, das suas armas e bombas?

Essa não é a preocupação desses políticos e militares burgueses. Eles preocupam-se é com as armas que estão nas mãos dos trabalhadores revolucionários, com as armas que estão na mão daqueles que bastante têm contribuído para dar captura aos ELP's. Eles preocupam-se e actuam repressivamente é quando os trabalhadores ocupam casas e os camponeses terras. É esta a lógica de todo o laço do capital, tenha ele a máscara que tiver.

O que se passa com o problema das armas é em tudo análogo ao que se passa a outros níveis da vida do país. Também esses mesmos políticos e militares burgueses falam muito da "neces-

sidade da disciplina", da "justiça social", do "pluralismo". Mas qual foi a disciplina praticada, quando se tratou de Corvacho, qual é a justiça social, quando se paga um pré de miséria aos soldados, qual é o pluralismo quando se faz chantagem e se ataca repressivamente os meios de comunicação não subservientes ao actual poder contra-revolucionário?

Mas voltemos ao problema do desarmamento.

Será por acaso que, nos corredores onde frequentes vezes se encontram, no Conselho de Ministros ou em certas reuniões íntimas, já terá o Senhor Pinheiro

*Continua na pág. 14*

## PRP COMUNICADO À IMPRENSA

No dia 25 de Outubro de 1975 realizou-se um plenário de responsáveis do PRP, representando um alargamento da Comissão Central com os responsáveis a nível nacional no total de 140 militantes.

Neste plenário foi debatida a situação política actual, o avanço da direita e a tática a seguir pelos trabalhadores e pelos revolucionários para a tomada do poder, para a Revolução Socialista.

Considerou-se o avanço da direita tanto a nível do poder pela via administrativa, como pela via da direita clandestina dentro e fora dos quartéis.

Perante a medida de direita que constitui a lei do desarmamento, a direcção do ex-PRP-BR, hoje PRP concretizou a decisão anterior da Comissão Central separando organicamente o PRP das Brigadas Revolucionárias, clandestinizando estas, o que foi apoiado por unanimidade neste plenário.

Consideraram-se as várias frentes a desenvolver e organizar no sentido da insurreição tomando-se medidas de apoio e reforço da organização da FUR a nível nacional e da presença militante nos SUVs, considerando estes como vanguarda política dentro dos quartéis a qual tem como objectivos o impulsionar da organização autónoma dos soldados e marinheiros que é constituída pelas comissões eleitas em plenário de soldados e o seu funcionamento como vanguarda na condução do processo insurreccional.

Debateu-se largamente a questão do Poder Popular e da vigilância necessária para pôr cobro às manobras partidárias que pretendem instrumentalizar e manobrar os órgãos de poder eleitos pelos trabalhadores. Neste sentido decidiu-se tomar medidas para que haja uma verdadeira e forte militância para defender o apartidarismo.

Considerou-se ainda a necessidade imprescindível duma direcção político-militar que unifique a vanguarda e que coordene as várias frentes e tipos de luta a nível nacional e regional.

Tomaram-se medidas no sentido do alargamento e do reforço do Partido para que este se solidifique como vanguarda a nível nacional pois considera-se que é impossível o triunfo da insurreição e da defesa do Poder Revolucionário sem a presença forte duma vanguarda em todas as frentes organizadas.

Foi também aprovado um manifesto ao proletariado que aparecerá a público nos próximos dias.

O Secretariado do Plenário.

25-OUT-75.

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral — 90600   
— 185900

PAGAMENTO: Em cheque   
Em Vale

## Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15  
ALGÉS DE CIMA Tel. 2100337

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40 Telef. 939525

ÁRGEA — Telef. 0049/92169

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31 Tel. 2076745

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29 Telef. 0079/24594

BRAGA — R. Santa Margarida, 169. 1.º

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10  
Tel. 2763267/2763397/2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21  
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido  
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

573520  
573640

Jornal "Revolução"  
Rua Castilho, n.º 70

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA  
— Av. da República, 40

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 39-1.º Telef. 0089/63043

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pompal, n.º 65

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, n.º 17

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 — Tel. 315759/315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 142

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz  
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espigueira — Tel. 22558

## Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68 Telef. 770017

# REVOLUÇÃO E CULTURA OU CULTURA REVOLUCIONÁRIA

## Entrevista com Robert Kramer

KRAMER é um dos fundadores do Grupo Newreel (1967) nos E.U.A.. As principais linhas de actuação de newreel são de que toda a realização é um trabalho colectivo de criação e o seu objectivo uma participação na actividade revolucionária das classes e povos oprimidos.

Robert Kramer ganhou o 1.º Prémio do Festival Internacional da Figueira da Foz com o filme Milestones conjuntamente com Sanjines autor de "O Inimigo Principal".

Newreel apresentou 3 filmes que ganharam o prémio Jury especial. Kramer esteve em 69 no Vietnã do Norte trabalhando como cineasta.

**REVOLUÇÃO:** Como começaste a fazer cinema?

R.K. — Comecei por acaso. Trabalhava em algo de semelhante a uma comissão de moradores quando apareceu alguém para fazer um documentário sobre o nosso trabalho. Ensinaram-me como manejar o material cinematográfico e a partir daí comecei a filmar e ao fazê-lo tentava relacioná-lo com a realidade que nos envolve ao mesmo tempo que continuava a pensar em como transformá-la. Filmar era algo que me gritava, que me dava prazer e que sentia que podia fazer bem feito.

**REVOLUÇÃO:** Há alguma contradição entre o aspecto pessoal-prazer — e a realidade social que retratas em teus filmes?

R.K. — A revolução tem um aspecto pessoal em adição ao aspecto político e social.

O aspecto pessoal é o de eu desejar alterações na minha vida o desejo de uma vida melhor, de uma vida que não seja limitada pela admiração burguesa. E essas alterações que desejo dizem também respeito a todas as minhas relações não só humanas mas também com o meio natural que nos envolve. E com base neste desejo de mudança que faço o meu trabalho.

**REVOLUÇÃO:** Precisando, achas que o prazer pessoal não está de modo nenhum em contradição com as necessidades da Revolução Social?

R.K. — De modo nenhum. De facto, muitas vezes não é possível fazer as coisas que uma pessoa gostaria justamente de fazer uma vez que se tem que fazer outras, porque se devem fazer. Isto é particularmente verdadeiro em situação de luta revolucionária intensa.

Mas quanto a mim uma das funções de uma organização re-

volucionária é "dar", na medida do possível, aos seus militantes, a possibilidade de fazerem o trabalho que juntamente é que escrita e que para eles é importante e motivo de prazer.

**REVOLUÇÃO:** Qual deve ser para ti a orientação de um trabalho "cultural" revolucionário?

R.K. — Neste período de construção de uma cultura revolucionária devemos nos preocupar em integrar tudo o que sabemos de lutas revolucionárias e desejar transmitir tal aos nossos povos, mostrando as formas em que a nossa energia em todos os momentos do quotidiano pode actuar como revolucionária. O papel do trabalhador cultural é encontrar as formas de repressão que levam ao fortalecimento consciente da luta que se processa à sua volta, expressando acima de tudo o que é importante para as classes revolucionárias. Tentar expressar o que as classes revolucionárias pensam ou querem é justamente aquilo que deve ser feito. Cultura e luta serão assim um só termo.

**REVOLUÇÃO:** O que não acontece com o realismo moralista

R.K. — No realismo moralista pretende-se fazer formulações decidindo acerca do que as pessoas pensam ou devem pensar. Formulações sobre o que a classe operária quer. Mas de facto eles não têm alguma ideia sobre o que a classe operária quer. O papel do cinema não é pretender dizer o que as pessoas devem pensar mas estimulá-las a pensar, levá-las a pôr tudo em questão e admitir a possibilidade de um outro presente.

Há dias atrás participei num debate em que se discutia o que é que os camponeses gostariam de ver. Não sei. Sobre tal só se poderá dizer ideotices, pois só os camponeses sabem de facto o que eles querem.



ANGOLA/MPLA

*Guerrilheiras — a emancipação da mulher é forjada na luta pela independência nacional — UM DOS ASPECTOS DA REVOLUÇÃO CULTURAL*

**REVOLUÇÃO:** Como imaginas a sua possibilidade de o reprimir?

Do mesmo modo que eu próprio comecei a filmar, qualquer grupo poderá fazer cinema. E quem for mais hábil tratará de ensinar os demais a poder fazê-lo. Para que os conteúdos mudem é necessário que sejam as pessoas na base a ter acesso aos materiais. Em sistema de cultura burguesa o padrão de julgamento do que é bom ou mau é feito em função da possibilidade de consumo.

A questão principal de uma cultura revolucionária é se é útil ou não, se se insere ou não no processo de luta.

**REVOLUÇÃO:** O que é para ti, cultura?

R.K. — Do mesmo modo que no campo pessoal o que me move é o desejo de mudança para mim cultura é o processo que nasce da luta, da luta por mudança social que é feita pelas classes despossuídas. Em cada país existe uma totalidade que é a sua história, os seus hábitos, atitudes, relações humanas, riqueza criada, meios de produção, etc... na qual se enxertam como solavancos uma

prática cultural revolucionária que nasce da luta revolucionária pela transformação social. Há pessoas que dizem que a "cultura socialista" fará a fusão destes dois aspectos mas não faço ideia do que é a cultura socialista.

**REVOLUÇÃO:** Para ti, não existe pois, cultura, dissociada das demais actividades humanas?

R.K. — Tradicionalmente, o cultural, o político, o militar é visto em separado. Para mim cultura é o mundo em que nadamos. É a nossa forma de actuar, de nos relacionarmos, o que comemos, a casa em que habitamos, em resumo é a nossa capacidade de imaginação. Uma luta cultural em período de luta revolucionária não pode separar-se das outras componentes da nossa vida, da luta política, da luta militar, da vida social, do partido, etc...

**REVOLUÇÃO:** Precisando, para ti, cultura, é alguma coisa que se faz por todos nós a cada momento do quotidiano e não algo que se consome durante o tempo livre.

R.K. )Precisamente. Do mesmo

modo que o político. O político é o modo como se vive a cada momento. Política e cultura são dois modos de falar sobre a mesma coisa.

**REVOLUÇÃO:** Que pensas da produção cineasta em Portugal?

R.K. — Durante o tempo do fascismo em Portugal a situação era terrível e uma grande parte dos trabalhadores culturais em Portugal viram-se obrigados a aprender em como não participar, em como não fazer coisas uma vez que tudo quanto se fizesse ou seria usado pelo fascismo ou seria uma parte do fascismo. Muitos foram corajosos e opuseram-se frontalmente a tal.

Neste momento a situação em Portugal é justamente o oposto. Agora, a principal coisa a fazer é tentar fazer tudo. Não será através de nos sentarmos a pensar no que se deverá fazer que algo se fará. Só se chegará a conclusões fazendo e tornando a fazer para se ser constantemente criticado. E através disso tentar reproduzir a experiência em novas formas, nas formas necessárias.

**PODER POPULAR PODER POPULAR PODER POPULAR PODER**

**UNIR ORGANIZAR ARMAR**

A classe operária e os camponeses conscientes do actual momento político, sentem que a organização para a tomada do poder é a sua grande arma, arma esta que será destruída pelo fascismo se os trabalhadores não se armarem rapidamente.

É assim que se assiste em todo o país à formação de Assembleias Populares nas quais as comissões de trabalhadores moradores e soldados aprovam formas de luta e levam-nas à prática. Contra isto os fascistas organizam-se em ELP's, MDLP's e CIA, e tentam boicotar o avanço da organização dos trabalhadores, quer através de boatos, quer mesmo por formas violentas como os atentados à bomba.

A isto os trabalhadores só terão uma resposta a dar — armarem-se, destruírem de vez os fascistas e tomarem o poder.



**SETÚBAL: COMITÉ DE LUTA AVANÇA**

O Comité de Luta de Setúbal, conjuntas nos bairros, nas fábricas e nos quartéis. Efectuou-se esta semana mais uma reunião deste comité que pela sua importância passamos a descrever.

**INFORMAÇÕES**

Soldados do Comité deram informações sobre a situação político-militar, tendo depois sido analisadas por trabalhadores presentes.

No seguimento da reunião o secretariado do comité de luta apresentou uma autocritica à sua

actuação e criticou o comité de luta. Os principais pontos desta discussão foram — a falta de comparência de elementos do secretariado nas reuniões, e pouca representatividade dos organismos populares dos bairros e das fábricas. Muitos dos trabalhadores presentes defenderam o comité de luta tendo apontado várias vitórias:

O Jornal Setubalense ao serviço do povo com o aumento de exemplares, o apoio à Rádio

**HABITAÇÃO**

Neste ponto, o mais importante, foram aprovados os objectivos do Comité de luta no que se refere a habitação:

- 1 — Apoio à construção de casas nos bairros e barracas.
- 2 — Início da construção do plano integrado de Setúbal.
- 3 — Ocupação das casas vagas da cidade segundo:
  - a) rendimento
  - b) critérios das famílias ocupantes.

Renasença, o reforço da aliança com os trabalhadores rurais de Alcácer.

4 — Estudo da organização do grupo de trabalho

No que se refere ao objectivo n.º 2, foi aprovado a ocupação do terreno do plano integrado de Setúbal e início da construção das infra-estruturas pela empresa A.C. Esta empresa comprometeu-se a apresentar um plano de emprego para os próximos dois anos. Prevê-se no entanto que só na construção das infra-estruturas que mete mão-de-obra indiferenciada

possa desde já absorver muitos desempregados.

Foi aprovado também que a construção de outros edificios será entregue a outras empresas sob controlo dos trabalhadores, e que este plano de construção será simultâneo com as ocupações de casas.

**MANIFESTAÇÃO NO MONTIJO**

Realiza-se no proximo dia 10 uma manifestação no Montijo, à qual o Comité de Luta deu a sua aderência.

**DEFENSOR DOS INTERESSES DO DISTRITO DE SETUBAL**  
  
**O SETUBALENSE**

O Setubalense, jornal de provincia, passou agora a primeiro plano pela luta desenvolvida pelos trabalhadores para porem o seu jornal ao 'serviço dos órgãos de poder popular, ao serviço dos explorados deste pais.

A seguir ao 25-4 o processo

REV. — Qual foi a atitude que os trabalhadores tomaram perante essa manobra do patronato?

TRAB. — A impressão do jornal foi combinada entre o patrão e os outros "senhores", tendo os trabalhadores descoberto apenas às 8h da manhã, quando pegaram para trabalhar e se lhes deparou o "jornal do caso República" para imprimir. Imediatamente começaram a discutir o caso, e recusaram-se a imprimi-lo por solidariedade para com os nossos camaradas da República. Nunca se poderia

desenrolou-se como em muitas empresas, através de reivindicações feitas pelos trabalhadores. Em Maio de 75 agudizou-se quando houve uma tentativa por parte do patronato em imprimir o jornalco do sr. Raul Rego "o jornal do caso República".

fazer um jornal que era contra os trabalhaodres do República, que era feito pelos patrões do República e pelos nossos.

REV. — Face à vossa resposta qual a atitude do patronato?

TRABALHADOR — Começam as ameaças. A falta de dinheiro, a não venda do jornal, etc.

Há a entrada de elementos para a redacção affectos ao PS. A assinatura de artigos no jornal com os quais não estávamos de acordo, com pseudónimos e al-

guns com as iniciais iguais a um dos nossos camaradas de trabalho. Enfim, toda uma série de manobras que visavam dividir-nos. Perante isto nós fomos sempre respondendo, até um dia que o patrão convoca um plenário de trabalhadores e no qual diz que é o dono do jornal, que este terá que sair como ele quer e que os trabalhadores terão que se responsabilizar por escrito em não boicotar a saída do jornal.

Perante isto nada mais tivemos que fazer senão abandonar a sala tendo ficado lá, apenas 4 ou 5 elementos.

REV. — Como foi decidida a ocupação do jornal?

TRABALHADOR — Este processo do Setubalense ultrapassou em grande parte os trabalhadores do jornal e tornou-se, numa das tarefas imediatas do Comité de luta de Setúbal.

**Orgãos de poder popular ocupam o jornal**

A proposta de ocupação foi feita nesse comité por uma comissão de moradores que logo foi aprovada por aclamação, e depois passada à prática.

REV. — Porquê uma Frente de luta dos trabalhadores do Setubalense?

TRABALHADOR — A Comissão de Trabalhadores começou a ser contestada, até porque um dos elementos não tinha a confiança dos trabalhadores.

Por outro lado a C.T. estava um bocado desligada dos restantes trabalhadores, pela luta que travava diariamente com o patronato. Este chegou ao extremo de exigir da C.T. que fizesse um regulamento interno da empresa, cujos princípios que o patrão dava, mais não eram do que para reprimir os trabalhadores. A isso a C.T. recusou-se, no entanto havia que arranjar uma outra

forma de, organização que ultrapassasse estas questões. É aí que surge a Frente de luta formada primeiro por poucos trabalhadores, mas que acabaram por aderir todos os trabalhadores. Foi eleita a Comissão Directiva que está totalmente vinculada à Frente de luta.

REV. — Como se desenvolve a acção conjunta entre o Comité de luta de Setúbal e a Frente do Setubalense?

TRABALHADOR — Todas as comissões de moradores e de trabalhadores do comité se empenharam na venda militante do jornal o que motivou a subida de 3500 para 13 000. Este último número referente a sexta-feira, hoje segunda já aumentou para 14 000.

Também na vigilância ao jornal se verifica a colaboração das C.M. e C.T.

POPULAR PODER POPULAR PODER POPULAR PODER POPULAR

## UNIR ORGANIZAR ARMAR

## ALCÁÇER:

## A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA CONTRA A VIOLÊNCIA REACCIONÁRIA

Como é do conhecimento geral latifundiários, que pretendem boicotar toda a luta dos trabalhadores agrícolas pela terra a quem a trabalha. Os trabalhadores das cooperativas vendo o estado em que ficou o C.R.R.A. decidiram imediatamente ocupar o palacete do "Califa" João Branco Nuncio para que o funcionamento do Centro não parasse.

A seguir à ocupação os trabalhadores foram vítimas de sucessivas pressões por parte das autoridades governamentais e militares, recebendo também ameaças telefónicas de latifundiários.

A tudo isto os trabalhadores responderam de armas na mão afirmando que "não cederemos um passo da nossa luta, lutaremos até à nossa última pinga de sangue para formos o C.R.R.A. na casa do latifundiário" e "pois nós não paramos e contra esta provocação, fiquem avisados esses senhores, que daqui para a frente a nossa força aumentará e junto a ela, aumentarão as terras para o nosso poder".

Na continuação do processo, foi convocada uma manifestação para o dia 27-10 por 20 cooperativas agrícolas do Alentejo que em reunião estudaram as melhores formas de salientar que nunca se

tinha verificado uma reunião com um número tão elevado de cooperativas.

A manifestação teve como objectivos a mobilização dos camponeses para a defesa da ocupação do palacete do latifundiário, exigir ao VI Governo a legalização das terras expropriadas e pelo avanço da reforma agrária e do Poder

Popular. A manifestação que contava aproximadamente com 4000 trabalhadores das cooperativas percorreu as ruas de Alcácer do Sal com as seguintes palavras de ordem: "Avante com a Reforma Agrária"; "Apoiar e Armar o Poder Popular"; "Poder Popular sempre a Avançar";

"Reaccionários fora dos quartéis já"; "33Crédito, máquinas, gado e a terra a quem a trabalha"; "Operários, Camponeses, Soldados e Marinheiros, Unidos Cenceremos"; "Morte ao ELP e a quem o apoiar"; "Nem cinco tostões para indemnizações"; "Fora com a canalha o Poder a quem trabalha".

apoiar a justa luta dos trabalhadores rurais, confraternizando com estes e originando uma aproximação mais íntima entre a cidade e o campo. Este contacto entre o proletariado industrial agrícola e soldados reveste-se de grande significado, pois que, enquanto os trabalhadores rurais e industriais se insurgem através dos mais variados processos de luta, contra a burguesia instalada no governo, exigindo a organização e armamento do Poder Popular e a Ditadura do Proletariado, os seus camaradas soldados levantam-se nos Quartéis contra os reaccionários e a disciplina militarista e fascista, saindo para a rua a apoiar aqueles ao lado dos quais deverão sempre, sempre estar.

Porém os latifundiários da região e seus laiaos tentam por todos os meios boicotar o trabalho dos camponeses no Alentejo com o auxílio do jornal reaccionário "A LUTA" que trazia um artigo calunioso sobre a ocupação do palacete, assim como outros visando como principal objectivo, mobilizar as populações contra o avanço da luta pela terra.

Face a isto os camponeses têm que reforçar a sua organização, coordenando o trabalho de todas as cooperativas, realizando uma estreita aliança na prática com os operários e soldados com o objectivo de insurreição armada e da instauração da Ditadura do Proletariado.

A Org. Local de Setúbal

## TRIBUNAIS POPULARES

## Pôr em causa a justiça burguesa

Estava convocado para o tribunal da Boa-Hora mais um julgamento de uma ocupante, da freguesia da Penha de França. No Tribunal compareceram cerca de 400 moradores que impediram o julgamento burguês daquela moradora, tendo formado imediatamente um tribunal popular que a absolveu, e condenou os fascistas que a espancaram a soldo dos senhores.

Eis as conclusões deste julgamento popular:

1 — Considerar a senhora especuladora, exploradora e oprimadora do povo, e, como tal sua inimiga.

2 — Considerar a mãe do capitão (mulher do fascista Joaquim de Sousa) e a mulher que vive na casa da porteira com fascistas criminosos, inimigas do povo.

3 — Todos estes fascistas ficarão sujeitos a Tribunal Popular, quando os trabalhadores tomarem o poder.

Durante este julgamento foram ainda aprovadas, propostas que prevêm a expulsão do fascista Joaquim de Sousa da Penha da França, delator de Maria Rodrigues e bufo com largo passado na C.P., e a organização do julgamento popular dos agressores de Maria Rodrigues.

Foi ainda denunciado o ataque a ocupantes e moradores, pondo-se nesta altura a questão da defesa armada destes, cuja organização foi considerada urgente.

## PALÁCIO DA JUSTIÇA

Outro julgamento, desta vez de uma moradora que se recusou a pagar o aumento da renda que o senhorio lhe fez arbitrariamente. O julgamento burguês transformou-se em julgamento popular. A diferença entre o primeiro e este, foi que desta vez a polícia apareceu (eram muitos...) e tentou carregar sobre os moradores que ali estavam para defender a "ré".

De notar que os trabalhadores do Palácio da Justiça estavam em plenário e fizeram uma comunicação aos moradores, na qual lhes devem todo o seu apoio.

Os exploradores levam a tribunal os "seus" explorados. Explorados que revolucionariamente lhes ocuparam as casas que estavam desabitadas.

Tanta pressa em julgar revolucionários, quando fascistas-pídes, são postos em liberdade e nem sequer vão a julgamento burguês.

Tribunais burgueses postos em causa pelo avanço da organização popular.

## COMITÉ DE LUTA DE SETÚBAL

## — O SEU APOIO A ALCÁÇER

Na noite do mesmo dia, dois representantes do comité de ocupação dirigiram-se a Setúbal onde se encontrava reunido o Comité de Luta de Setúbal composto por todas as comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores e Quartéis do Concelho de Setúbal. Aí os trabalhadores rurais relataram o seu processo de

luta e ao que se propunham alcançar recebendo do Comité de Luta de Setúbal o seu total apoio.

Este deu por terminada a reunião e o comité de soldados dirigiu-se ao Quartel mobilizando os soldados para virem como voluntários defender de armas na mão a justa ocupação. Assim, cerca de uma centena de trabalhadores, moradores e soldados de Setúbal vieram ao palacete ocupado,

## FARO

## Ocupação do Governo Civil

— Realizou-se no dia 26 de Outubro de 75 em Faro uma manifestação popular contra o fascismo, o capitalismo, pelo armamento dos trabalhadores e pelo Poder Popular que se traduzem pela maior manifestação jamais realizada no Algarve. Na sequência da manifestação foi o Governo Civil de Faro ocupado pelos manifestantes na sequência de toda uma manobra de instrumentalização, dos justos anseios das massas trabalhadoras.

Mantida e executada pelo reformismo - que conduziu os trabalhadores para posições aventureiristas de brincar à tomada e largada do poder distrital. Aliás, o

reformismo desde cedo começou a manobrar, assim, sendo a FUR convocar a manifestação o PCP logo se apressou a convocar uma reunião de comissões de Moradores e Trabalhadores que convocariam também uma manifestação para o mesmo local e à mesma hora tendo o PCP - não dando adesão à manifestação da FUR - a convocar a manifestação, o PCP para o mesmo local e à mesma hora. Chegou-se entretanto a uma plataforma de acordo realizando-se uma só manifestação com palavras de ordem da Esquerda Revolucionária. Mas a manobra continuou e na reunião havi-

da no dia da manifestação para se tratar de assuntos técnicos relacionados com a manifestação o PCP apresentou a proposta de se constituir uma comissão de ocupação, porquanto e segundo o PCP, pela auscultação das massas elas iriam forçar a entrada no Governo Civil. Perante a recusa organizações em aceitar o facto, por não existirem condições de organização e bem assim meios militares para manterem uma defesa vitoriosa perante um ataque organizado, o PCP abandonou a reunião.

Entretanto, o PCP tinha dado a

Continua na pág. 14



REV. — Como vêm vocês o armamento dos trabalhadores quer na sua defesa, quer na tomada do poder por eles?

TRABALHADOR — É uma necessidade vital. Não é com as mãos a abanar que nos defen-

deremos dos reaccionários que estão sempre prontos a atacar. Por outro lado estamos interessados em fazer um jornal todo virado para órgãos de poder popular, que serão estes que tomarão o poder. Logo as armas têm que vir para as mãos dos trabalhadores.

# SOLDADOS

## Fazem análise da situação militar no centro

No número anterior publicámos a entrevista a soldados da Região Militar do Norte. Este é dedicado à Região Militar do Centro.

Os soldados falam da sua experiência e expõem as suas análises, perspectivadas na construção da luta geral e sem trêguas de todos os trabalhadores deste

pais pelo Poder e pela Revolução Socialista.

Esta entrevista é demonstrativa da luta de classes que se processa a nível de unidades militares; analisa portanto as influências do processo político que decorre fora dos muros dos quartéis sobre as lutas dos próprios soldados.

**REV.** — Qual é a análise que vocês fazem da situação a nível da Região Militar do Centro?

**SOLDADO 1** — A gente acha que será preferível fazer uma análise global da situação, em vez de datalhar o que acontece de unidade para unidade.

**REV.** — Vocês vão só falar das unidades que são típicas duma ou doutra situação?

**SOLDADO 1** — Exactamente. Por exemplo: Aveiro, alguns acontecimentos tem provado ser uma unidade muito atrasada quanto a organização. Há um ou outro oficial miliciano que se pode considerar progressista, mas os sol-

dados têm uma organização bastante recuada.

O mesmo se pode dizer relativamente a Viseu. Isto está em relação com uma zona com que os partidos de direita estão organizados, e onde se vê frequentemente nas paredes propaganda do ELP que até distribui propaganda.

Determinadas figuras proeminentes do Exército, como é o caso do general Galvão de Melo que é natural de lá...

**SOLDADO 2** — E tem lá muita influência!

**REV.** — E qual é a posição da esquerda?

**SOLDADO 1** — Ai efectivamente os grupos de esquerda depois da

ofensiva reaccionária estão mesmo recuados, vivem quase na clandestinidade e a situação da unidade é reflexo disto. Chegou-se mesmo a expulsar um grupo de dinamização cultural naquela zona, porque eram demasiado avançados, e fizeram-se várias manobras como por exemplo, enviar esse grupo que estava no R.I. 14 fora do quartel porque tinham "má influência nos soldados" e depois chegaram mesmo a ser mandados para Lisboa. Regressaram depois elementos mais moderados de modo que não houvesse nenhuma situação desagradável para o comando, e fundamentalmente que não intervissem junto dos soldados.

**REV.** — E o caso de Abrantes?

**SOLDADO 3** — O caso de Abrantes é positivo, talvez devido à presença dos cadetes que vieram de Mafra.

Tomar é muito fraco....

**SOLDADO 1** — Mas há também a questão de Coimbra e Castelo Branco onde se têm verificado acontecimentos importantes. Nomeadamente em Coimbra o brigadeiro Charais chamou dois

oficiais milicianos ao Quartel General para ter informações dos SUV. Estes oficiais eram do RIC (Regimento de Infantaria de Coimbra). Então verifica-se que os soldados sabendo disto e pensando que isto era uma medida repressiva da parte do brigadeiro, exigiram que eles regressem imediatamente à unidade, e a mobilização atingiu rapidamente uma tal dimensão, que se chegou à concentração na parada. Então aí os tipos pusbram o problema ao oficial do dia;

Ou os oficiais regressavam imediatamente, ou eles saíam da unidade e iam lá buscá-los.

**SOLDADO 4** — Vê-se de facto que as unidades, no seu conjunto, estão lançadas na organização e no poder dos soldados.

Há comandantes que vão perguntar às ADU's como é que é, como é que não é, como é que se faz...

Portanto nessas unidades há um avanço muito lógico na dinamização dentro dos quartéis.

**SOLDADO 5** — Pois, isso tem-se verificado ultimamente. Há um movimento mais recente e organizado.

Porque não esqueçamos que, da mesma forma que ligamos no Norte a ofensiva reaccionária com a situação nos quartéis, aqui na Região Militar do Centro esta situação também se reflectiu.

E reflectiu-se até muito para o Sul. Chegou a Alcobaca, Leiria... Leiria que não é uma área ruralizada como o Norte; é efectivamente até uma área industrializada. E aí, ainda que os soldados não tenham intervido da mesma forma, que no Norte, também aí não se tem verificado uma dinamização da unidade relativamente à área, nem vice-versa da área em relação ao quartel.

**REV.** — Há uma coisa que vocês tem esquecido, que é a situação dos comandados...

**SOLDADO 5** — Pois, aí podemos resumir que na generalidade são elementos, altamente suspeitos em termos de confiança por parte dos soldados.

## «NÚCLEOS SUV E PRÓ-SUV» MAIS UMA MANOBRA

Mais uma vez e a propósito da manifestação do dia 3 de apoio ao MPLA, apareceram a público os falsos núcleos SUV e pró-SUV, que surgiram pela primeira vez a 23 de Outubro.

A história das manobras reformistas destinadas primeiro a destruir e depois a instrumentalizar os SUV vem desde o início da existência dos SUV em Lisboa.

### A HISTÓRIA DAS MANOBRAS REFORMISTAS

Poucos dias antes da constituição do secretariado de Lisboa, e tentando aproveitar o impacto que os SUV tinham tido no Porto, aparece nos quartéis da Região Militar de Lisboa um panfleto assinado "Soldados Unidos Venceremos" (notar a pequena diferença dos "Soldados Unidos Vencerão" que deu origem à sigla) e que rapidamente se descobriu ter um conteúdo facilmente identificável com a linguagem do PC. O Secretariado do Porto tomou medidas rápidas em relação a isto e, em consequência da manobra de aproveitamento ter sido impedida, surge na manhã mesmo do dia em que haveria a manifestação uma outra organização — a "ARPE" (Associação Revolucionária das Praças do Exército), publicada com destaque nos jornais reformistas e de linguagem também iden-

tificável. Nesse mesmo dia aparece na Marinha um documento da CDAP (Comissão Dinamizadora do Associativismo de Praças), de conhecida identificação com aquele partido e onde se aconselha os marinheiros a não irem à manifestação, visto os SUV se tratar de um movimento de encapuçados. Assim se tornava clara a intenção de destruir o movimento, uma vez que não tinha sido possível controlá-lo.

Mas a grande demonstração de força constituída pela manifestação veio travar as manobras.

E na impossibilidade de destruir os SUV é uma nova manobra que surge no dia 23 de Outubro com o aparecimento em Conferência de Imprensa dos soldados que se intitulavam "Núcleos SUV e pró-SUV" de vários quartéis, criticando o "sectarismo" do Secretariado de Lisboa e apelando para a manifestação «apartidária» do dia 24. Mas esta manobra dos falsos SUV foi tão baixa, tão grosseira que se voltou contra os seus autores. A presença de apenas cerca de 40 soldados e marinheiros na manifestação demonstrou que nem os militantes do seu próprio partido, os manobreadores foram capazes de trazer.

Este foi no entanto um acto criminoso sob o ponto de vista político, porque procurou criar divisões no seio dum dos mo-

vimentos mais poderosos neste momento. Abriu também todas as portas para que daqui em diante — se os SUV não tomarem medidas — quem quer que seja se intitule "SUV ou pró-SUV". A que ponto pode chegar o reformismo!

A este respeito escreve o Secretariado dos SUV da Região Militar de Lisboa, a 3 de Novembro de 1975:

### A POSIÇÃO DO SECRETARIADO

(...) 2. «Tenta-se novamente utilizar a sigla SUV para, beneficiando do prestígio que ela tem junto dos soldados e dos trabalhadores, conseguir mobilizar estes camaradas para determinadas iniciativas cujo carácter apartidário levanta dúvidas. Não satisfeitos com a resposta que os soldados, os marinheiros e os militares revolucionários deram aquando da manifestação do passado dia 23, recusando as jogadas divisionistas e oportunistas, o que resultou na presença de escassas dezenas de militares (cerca de 50), vêm uma vez mais desviar a atenção dos trabalhadores fardados do objectivo principal que neste momento se impõe atingir. Este passa pela recusa maciça em participar nas manobras militares contra-revolucionárias e pela criação de



formas de organização para a vigilância sobre todas as movimentações reaccionárias nos quartéis. Os pseudo-núcleos SUV e pró-SUV não desistem! A operação oportunista prossegue e tem um objectivo que é já claro: Tentar desacreditar o Secretariado da R.M.L. acusando-a de sectarismo e partidarismo.»

# CICAP-RASP

## «A vitória não foi ainda totalmente alcançada, por isso a luta continua»

Na luta dos soldados do CICAP-RASP, houve avanços que a burguesia não conseguiu travar, nem com tiros, nem com boicotes nem com ameaças. Entre os avanços que houve, destaca-se a consolidação da aliança entre soldados e trabalhadores, aliança essa, que levará rapidamente à formação da Assembleia Popular de Vila Nova de Gaia. Aqui, nesta luta conjunta a burguesia perde terreno, não consegue desmobilizar os trabalhadores e os seus irmãos fardados.

A propósito dessa luta conjunta, de explorados contra exploradores, diz o jornal n.º 2 dos Soldados em luta do CICAP-RASP:

“Desde o início nós afirmámos que a nossa luta era a luta de todos os trabalhadores portugueses, contra a tentativa de se fazer do exercito o braço armado da reacção.

E os trabalhadores portugueses compreenderam essa verdade.

(...) “Quando os senhores do PPD se manifestaram à frente do CICAP souberam agradecer áqueles que lhes guardam as fábricas e fortunas defendendo o direito à “liberdade” de explorar e oprimir soldados, operários e

camponeses. Assim os capitães e sargentos, galões arrancados na circunstância, tiveram para além dos sorrisos dos filhos das melhores famílias do Norte, o direito à distribuição de bolos da Pastelaria Cunha, charutos e...isqueiros.

Nós, os soldados em luta no RASP, tivemos sardinhas (trazidas pelos pescadores de Matosinhos), maçãs (vindas de pequenos comerciantes de Ovar), pão, cigarros, broa e chourico. Aos trabalhadores que nos traziam a sua garrafita de água-pé, explicávamos que tínhamos decidido não deixar entrar nenhuma bebida alcoólica no quartel e convidávamo-lo a aguardar o dia da vitória”.

(...) “A vitória não foi ainda totalmente alcançada. Por isso a luta continua. A solidariedade popular continua. A solidariedade popular que foi o cimento do fortalecimento das nossas posições, que nos deu ânimo e firmeza no desenrolar da nossa luta, deve continuar. Ela é a única garantia da nossa vitória final. Operários, camponeses, soldados e marinheiros unidos venceremos.

Viva a solidariedade -massas com os soldados em luta CICAP-RASP

## a direita organiza-se

Perante o avanço do Poder Popular no Porto, e que rapidamente se está a estender a todo o Norte, a direita não parou organizou-se e atacou.

Foi assim, que soldados do RCPO da PM e da BAAF foram levados a disparar contra os soldados que estavam no RASP. A propósito dessa manobra dos reaccionários que comandavam os seus camaradas, dizem os soldados do RASP no mesmo jornal.

“E quem são os responsáveis por estes tiros? Serão os soldados da PM, serão os soldados que estavam no RASP?”

Não, camaradas!

Responsáveis são os provocadores reaccionários que se dirigiram ao RASP, armados, para atacar os trabalhadores que lá estavam já há vários dias em apoio aos camaradas do CICAP. Que agrediram cobardemente soldados desarmados”.

(...) “Responsáveis são os oficiais reaccionários que vos comandam e que em vez de dispersarem os provocadores, decidirem lançar granadas para os dois lados, algumas das quais atingiram soldados dentro do RASP.

Houve tiros. E esses tiros têm sido aproveitados pelos reaccionários para vos fazer pensar que os soldados do CICAP e do RASP são vossos inimigos!

Como podiam eles ser vossos inimigos? Não ganham eles mesmo pré miserável que vós? Não estão eles sujeitos à mesma disciplina reaccionária que vós? Não vão eles voltar para as fábricas, campos e escritórios como vós, quando saírem da tropa?

Os soldados do CICAP, do RASP e de todas as unidades são os vossos melhores amigos, os únicos amigos e camaradas firmes em qualquer situação.”

(...) “NÃO HÁ RAZÃO NENHUMA PARA QUE SOLDADOS ATIREM CONTRA SOLDADOS”.

É também perante o avanço popular, e depois de terem visto cerca de 20.000 trabalhadores na rua, à chuva, gritando “REUNIÃO, INFORMAÇÃO, DEMOCRACIA NOS QUARTÉIS”, “EXÉRCITO PROFISSIONAL NÃO EM FRENTE PELO EXÉRCITO POPULAR”, que a direita

põe um petardo na madrugada de dia 29, no carro do alferes Franklin Fortunato Ferreira, elemento da Comissão de luta do CICAP-RASP. O que mostra esta bomba? Mostra claramente que a burguesia ainda não conseguiu arranjar uma estrutura para reprimir os trabalhadores, mas têm medo, têm mesmo muito medo do avanço da organização popular, e põem bombas, vão fazendo guerra psicológica, vão tentando criar a confusão, fazendo saneamentos a esquerda, enfim, fazendo aquilo que pode fazer a burguesia para defender os seus privilégios quando não tem as armas dos soldados sob seu controle.

Mas perante tudo isto, perante todas as tentativas desesperadas da burguesia, a Assembleia Popular de Vila Nova de Gaia, vai-se formando e os trabalhadores irão respondendo taca a taca aos exploradores, denunciando sabotadores, fazendo-lhes frente sempre que preciso. Por tudo isto, a luta dos soldados do CICAP-RASP foi e é importante, a par de algumas derrotas que muito em breve se poderão transformar em novas vitórias, por) que por cada licença registada que se passa a um revolucionário, por cada prisão que se faça, maior será a resposta organizada dos explorados, maior mobilização haverá contra os exploradores.

## SUV - MANIFESTAÇÃO NO ENTRONCAMENTO

Dia 29 de Outubro, mais uma manifestação de soldados convocada pelos SUV (Soldados Unidos Vencerão) onde mais uma vez (se é que ainda era preciso) se demonstrou claramente a força dos SUV, e a sua implantação nos quartéis.

Nesta manifestação, destacou-se pela primeira vez uma delegação da Força Aérea, o que mostra bem, que todos os soldados sentem verdadeiramente a razão dos SUV, mesmo que tenham até agora estado pouco organizados nas unidades. Além da Força Aérea, estiveram presentes delegações do R.I. de Abrantes de Cavalaria de Santa Margarida, dos Pára-quedistas de Tancos, da Administração Militar de Torres Novas, de Artilharia de Leiria, de Artilharia de Costa de Oeiras, de E.P.E., EPC (Santarém) e ainda

dos Comandos, e outras unidades de Lisboa. Para além da representação militar, muitos foram os trabalhadores que acompanharam os seus irmãos fardados, integrando-se totalmente na sua luta, que é afinal, uma luta de explorados contra exploradores, pela Revolução Socialista. O Partido Socialista, como não podia deixar de ser, distribuiu um comunicado horas antes, condenando a manifestação que teria a finalidade de contribuir para o derrube do VI Governo. Mas coitados dos senhores socialistas-democratas, qual não terá sido o seu espanto quando viram os trabalhadores fardados ou não, virem para a rua numa frente unitária de classe, luta e avançar na destruição das estruturas da sociedade capitalista que sustenta a social-democracia em Portugal,

gritar “Reaccionários fora dos quartéis, já!” “Morte ao AMI e outras palavras de ordem!”

Nas intervenções que se seguiram à manifestação, foi dada a conhecer a real implantação dos SUV na região Militar do Centro, foram lidas várias moções e mensagens, dentre as quais se destaca uma da EPI de Mafra, onde é denunciado o boicote por parte do Comando, que tudo fez para impedir a saída da unidade, dos soldados que se queriam integrar na manifestação

Esta, foi mais uma prova das forças dos explorados perante a ofensiva de direita, dizendo claramente que só o povo em armas, só a consolidação dos trabalhadores com os soldados poderá fazer a Revolução Socialista, lutar pela ditadura do proletariado.

## 3.º e 4.º turnos passam à disponibilidade

A desmobilização compulsiva dos 3.º e 4.º turnos de 73 vem no seguimento das medidas da burguesia com vista à recuperação das Forças Armadas. Depois dos saneamentos à esquerda sobretudo de oficiais, da criação (?) do AMI; das jogadas de bastidores que, tudo fazia crer, levariam ao fecho de unidades progressistas, a direita compreendeu que aquilo que deveria ser a sua espinha dorsal (o exército), continua ferido de morte do ponto de vista da sua lógica (burguesa). E que o avanço da organização de base dos soldados era o mal maior.

Os SUV, são materialmente o grande gigante vermelho que aterroriza a burguesia. Esta, viu na desmobilização dos 2 turnos militares a grande saída, porque ela sabe que são estes os que, por estarem há mais tempo nas Forças Armadas, têm uma maior experiência de luta e estão consequentemente mais fortemente organizados com esta medida, são 30% dos militares portugueses (claro que sobretudo soldados) que saem dos quartéis.

# VIVA ANGOLA INDEPENDENTE

## O PODER AO Povo

Ao se aproximar a data (11 de Novembro) em que Angola será independente com o MPLA no Poder, acentuam-se as hesitações e as contradições dos governantes portugueses em relação ao processo de neo-colonização que, depois do 25 de Abril, tiveram para com o povo angolano.

Fortemente submetidos a pressões imperialistas, os actuais órgãos do Poder são o exemplo vivo da mais completa incapacidade de decisão sobre o que quer que seja, quedando-se assim por um demissionismo contra-revolucionário que, ao insistir no gravíssimo erro de colocar o MPLA lado a lado com os movimentos fantoches (UPA-FNLA e UNITA), trai uma vez mais os legítimos interesses do povo angolano e do MPLA, movimento de libertação que ausculta, traduz e perspectiva de um modo correc-

to os anseios e as lutas desse mesmo povo.

No momento em que, como nunca, a interligação dos processos de libertação dos povos portugueses e angolanos atinge o seu ponto mais estreito, parecem-nos conveniente termos presente alguns dos marcos mais importantes da luta de libertação anterior ao 25 de Abril, bem como, porque não dizer claramente, a incapacidade política e a relativa fraqueza militar que, pelos motivos abaixo indicados, o MPLA teve na fase imediatamente posterior ao golpe de Estado de 25 de Abril.

Para este fim vamos-nos servir de um extracto da importante entrevista que o camarada Iko Carreira, membro do bureau político do MPLA e comandante das FAPLA, deu ao nosso jornal (ver "Revolução", n.º 49).



A população de Luanda adere totalmente ao MPLA

## táticas do em a

Angola, quer pela sua posição estratégica na África Austral, quer pela riqueza dos seu solo e sub-solo, é fortemente disputada pelos países imperialistas, os quais têm investido grandemente na UPA-FNLA e na UNITA.

O carácter nazi e racista da UPA-FNLA tem sido largamente denunciado, já que este movimento mais não é que um directíssimo agente dos Estados Unidos e do Zaire. No entanto, apesar de fortemente auxiliado por material (bélico e humano) americano, francês, israelita, zairense, português (ELP's, ex-Pides, ex-Comandantes fascistas do Exército Colonial-fascista) e ainda por armamento e instrutor... chineses (!!!!), a verdade é que o ELNA, exército mercenário da UPA-FNLA, não consegue nem conseguir derrotar as FAPLA do MPLA, pois nenhum exército, por maior que sejam os apoios imperialistas, pode derrotar o Exército Popular que defende integridade e coesão do seu país (ver, a propósito os casos de Vietnam, Camboja e Tailândia e Laos).

Por outro lado, enquanto a República Popular da China suspendeu o auxílio estritamente financeiro que há poucos meses vinha dando ao MPLA (continuando, imagine-se o absurdo, a fornecer elevada quantidade de armamento à UPA-FNLA e UNITA!), alguns observadores atribuem um importante significado político às declarações de Edward Kennedy, possível candidato no próximo ano à Presidência da República dos Estados Unidos.

Assim, após contactos de representantes diplomáticos do MPLA (Mingas e outros) com Kennedy, este admitiu o apoio do governo americano à FNLA e à UNITA, tendo considerado um erro de política externa pretender resolver-se o problema de Angola ignorando ou sub-baliando o MPLA.

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS

"Em Angola, dada a sua posição estratégica, as suas potencialidades e a sua vizinhança, o processo da luta anti-colonial teve características muito especiais se compararmos com o que sucedeu em Moçambique, S. Tomé, Guiné, e até com as antigas colónias inglesas e francesas.

Com efeito, logo no início da luta, o movimento nacionalista encontrava-se dividido, correspondendo a orientações políticas diferentes.

Assim, logo que apareceu o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) como movimento progressista com uma orientação bastante avançada para aquele tempo (1956-57) e em relação às restantes organizações políticas africanas, apresentando um programa socializante, foi criada uma organização paralela, a UPA (União dos Povos de Angola) que, defendendo princípios e objectivos nacionais, defendia também uma orientação política contrária à defendida pelo MPLA.

Já nessa altura o nosso movimento lutava pelos interesses das classes mais exploradas falando nos trabalhadores, operários e camponeses, e lutava contra o racismo, o tribalismo e o regionalismo; a UPA, por seu lado, actuava numa forma tribal e racial, nunca se tendo referido ao poder dos operários e camponeses, combatendo mesmo a ideia de que um dia se pudesse fazer uma luta de classes dentro do território angolano... claro que, a pouco e pouco, as posições foram evoluindo e cada organização foi encontrando o seu campo de acção e de apoio internacional. Assim, sempre existiu não apenas o combate político, mas também a confrontação militar entre a então UPA (actual FNLA) e o MPLA.

Como se sabe a FNLA encontrou apoio no Zaire (Congo Democrático, naquela altura), agente claro do imperialismo.

Nós por nosso lado, fomos expulsos do Congo em 1964 e, desde aí, o apoio deste país à FNLA passou a ser claro.

Deste modo, chegamos ao 25 de Abril numa situação bastante complexa, dado que o nosso movimento tinha suportado o maior peso da luta de libertação nacional. Encontrava-se enfraquecido sob o ponto de vista militar, e com uma frente de combate dispersa que tinha acabado de sofrer grandes ofensivas militares.

A FNLA por seu lado, estava já há dois anos a preparar um exército de fronteira com cerca de 15 000 homens. Assim através da análise da situação em Portugal, e porque sabia que a queda do regime de Caetano se ia realizar em 1974, a FNLA foi preparando as suas forças para fazer a ocupação militar e ganhar o poder com dois anos de antecedência.

Com efeito, tratavam-se de forças que só actuaram depois do 25 de Abril.

Portanto, nós encontrávamo-nos numa situação de inferioridade em relação ao potencial que a FNLA tinha naquela altura, e por outro lado não tínhamos a capacidade política para impor à parte portuguesa uma solução unicamente MPLA.

Primeiro houve o caso do Spínola com os acordos do Sal, que permitiram que a FNLA entrasse imediatamente em Angola e ocupasse as bases militares do norte que as Forças Armadas Portuguesas abandonavam o que permitiu que a FNLA chegasse a Luanda.

Assim, quando os nossos representantes chegaram a Luanda em Novembro de 74 as ruas de Luanda eram patrulhadas por "jeeps" da FNLA lado a lado com "jeeps" da PM portuguesa; embora os acordos fossem claros que cada um devia ficar na sua área de guerrilha e, aí com as suas forças militares, fazer actividade política. Mas a verdade é que em Novembro de 74 já a FNLA estava em Luanda que nunca foi uma área da FNLA.

E existia ainda a questão da UNITA.

Em suma, nós não tivemos a capacidade política de naquela altura impor uma solução de Entretanto a UNITA aparecia no Centro-Sul com um grande

dinamismo político e protecção portuguesa (as actividades portuguesas em Angola foram até às áreas, onde se encontrava a UNITA), enquanto que nós continuávamos debaixo da pressão africana e imperialista que exigia que o movimento resolvesse problemas internos.

Mais tarde (em 1966), quando abrimos a Frente Leste, uma nova manobra foi realizada com a criação da UNITA, que passou a ter no Leste e Sul do país a mesma função que já tinha a FNLA no Norte — servir de tampão a uma progressão das nossas forças.

Por outro lado, o imperialismo utilizou também outros métodos, tentando dividir o nosso movimento por dentro, servindo-se para isso de suportes "líderes" que, como Chipenda, podiam existir devido à fraqueza orgânica e mesmo política do nosso movimento. Convém a propósito, recordar que nós somos um movimento de libertação nacional onde ainda estão juntas diversas tendências sem organização partidária".

Como consequência de tudo isto o MPLA viu-se forçado a estar presente em Mombaça, Alvor, Nakuru, e, finalmente Kampala onde, apesar da existência de uma relação de forças que lhe ia sendo cada vez mais favorável, foi sempre posto no mesmo plano formal que as organizações imperialistas UPA-FNLA e UNITA.

Todavia, (como sempre previmos e analisámos), todos estes acordos foram sucessivamente postos de lado, tendo sido a luta armada ("segunda guerra de libertação"), o único elemento decisivo na resolução dos problemas dos explorados e oprimidos angolanos.

E é assim que, neste momento o MPLA tem o controlo político-militar de 12 das 16 províncias do território angolano, controlando a UPA-FNLA as províncias do Uige e do Zaire, enquanto que a UNITA detém Huambo e Bié.



## INTERNACIONALIZAÇÃO

Esta hipótese, referida claramente através do último discurso de Melo Antunes na ONU, representaria a forma extrema do demissionismo português, já que equivaleria ao reconhecimento da incapacidade portuguesa em reconhecer o poder existente de facto ou mesmo, na óptica dos actuais governantes, a incapacidade em entregar o poder a pelo menos dois movimentos.

Embora o Alto-Comissário tenha afirmado que nunca se pensou na intervenção armada da ONU, o camarada Samora Machel dizia a este respeito:



# ENTE MPLA

## imperialismo angola

Estas afirmações que alguns observadores interpretam como um inteligente reconhecimento da parte do Kennedy que o MPLA acabará por vencer a luta armada, caso não sejam um "bluff" político, poderão ter extrema importância no desenrolar no confronto armado em Angola já que, como dizia Augusto de Carvalho no «Expresso», «pode acontecer, também, que os contactos da delegação do MPLA que, há pouco presidido por Mingas, regressou de Washington, tenha produzido alguns frutos».

E mais à frente:

"Será que os EUA evitarão a escalada da guerra? Está nas suas mãos fazê-lo e talvez Portugal possa, neste ponto, desempenhar um papel importante (...)"

Seja como for, qualquer que seja a atitude tática do imperialismo americano, a verdade é que o povo angolano sabe que tem à sua frente um duro futuro de luta armada contra o imperialismo e os seus agentes neo-colonialistas em Angola.

Por outro lado, a experiência de 14 anos de luta armada deve ser suficiente para que o MPLA saiba que as cedências imperialistas no campo militar são acompanhadas por recuperações no campo político...

### PORTUGAL PERANTE ANGOLA

Falhada a tentativa, nunca oficialmente divulgada mas que vinha ganhando corpo desde a sessão do C.R. do passado dia 31 de Julho, de entregar o poder ao MPLA e à UNITA (apesar de alguns observadores políticos admitirem ainda a possibilidade de se forjar apressadamente uma "outra" UNITA (1) sem Jonas Savimbi, isto é, "Judas Savimbi", como lhe chamam os camaradas do MPLA), pensamos que, neste momento, existem apenas 3 hipóteses teoricamente possíveis.



## ÃO DO CONFLITO

"Conhecemos o que se passa quando as forças da ONU intervêm. Vimo-lo no Congo, no Médio Oriente, no Chipre, na Coreia. Por onde quer que passem as forças da ONU, a divisão fica consagrada".

Todavia, Portugal parece estar a dar um significativo passo atrás (leia-se "em relação ao discurso reaccionário de Melo Antunes") quando, pela boca de Vitor Crespo (Ministro da Cooperação) afirma em Luanda:

"O governo português entende que os destinos de Angola devem ser decididos

pelo seu povo e que interferências alheias apenas se podem verificar no sentido de apoio à vontade desse mesmo povo. Nunca esteve no espírito das declarações do Ministro Melo Antunes na ONU fazer apelos para os organismos internacionais a fim de intervirem em assuntos internos de Angola em termos de responsabilizarem forças externas pela escolha dos seus destinos".

Seja como for, a verdade é que esta solução do problema para além de não ser aceite pelo MPLA e pelos países progressistas, levaria à declaração unilateral de independência em 11 de Novembro.



A luta armada transforma o Poder Popular

## RECONHECIMENTO DE QUE O MPLA 2 DETÉM JÁ O PODER

Esta seria a única hipótese correcta, a favor da qual se pronunciou já o Almirante Rosa Coutinho.

No entanto, verdade seja dita, esta solução, que é a única correcta, não viria na sequência de todo o processo de neo-colonização em Angola, além de que contrariaria a 100% declarações dos responsáveis portugueses sobre a não entrega (ou reconhecimento?) do poder a um só movimento.

Embora Vitor Crespo tenha dito em Luanda que "há uma afinidade entre as ideias políticas que conduzem a Revolução portuguesa e as ideias que suportam o MPLA", e ainda que "as forças políticas portuguesas que conduzem a Revolução veriam com agrado que forças políticas semelhantes se implantassem em Angola", a verdade é que nada indica que Portugal reconheça em 11 de Novembro, o MPLA como o movimento que deverá conduzir Angola no seu período posterior à independência.

Contrastando com esta posição hesitante e fruto das fortes pressões económicas e diplomáticas a que o imperialismo nos submete, Samora Machel declarava no passado dia 27:

"A República Popular de Moçambique não duvidará em reconhecer a independência de Angola no dia 11 de Novembro de 1975. (...) Condenamos a manobra do governo português de fechar os olhos e tapar os ouvidos. É uma atitude reacçãoária; nós condenamos o governo português não condenamos o povo português...

## O ABANDONO DE ANGOLA SEM RECONHECIMENTO 3 DE QUALQUER MOVIMENTO NO PODER

É esta a posição mais provável.

Segundo o jornalista Augusto de Carvalho ter-se-ia passado o seguinte diálogo entre ele e o Alto-Comissário a propósito da atitude de Portugal no 11 de Novembro, caso os movimentos não cheguem a qualquer acordo:

«Alto-Comissário: Saio pura e simplesmente.

Aug. Carvalho: Sem qualquer cerimónia?

Alto-Comissário: Sim, sem qualquer cerimónia".

Esta atitude é a que hoje se nos afigura como mais provável, muito embora se traduza num "esperar para ver em que é que param as modas", isto é, Portugal abandonaria Angola sem reconhecer qualquer movimento na soberania do novo país. Todavia, caso o desenrolar da luta armada e também diplomática fosse favorável ao MPLA, os actuais órgãos do Poder reconheceriam mais tarde ou mais cedo o futuro Governo de Unidade Nacional em Angola.

No entanto como dizia Augusto de Carvalho, "as responsabilidades históricas sobre Angola e o próprio curso da revolução portuguesa impõem-lhe que se não remeta depois do 11 de Novembro a um silêncio prudente a ver no que param as modas".

É importante sublinhar que caso Portugal não reconheça em 11 de Novembro Angola independente sob o domínio do MPLA isso trazer-lhe-á grandes dissabores

nas jovens relações com os países progressistas especialmente com as nossas ex-colónias, nomeadamente Moçambique.

Contudo a verdade é que as últimas informações que hoje (6 de Novembro) dispomos são no sentido de que Portugal aceitará a soberania de Angola independente no 11 de Novembro sem que, no entanto, reconheça a soberania do MPLA no Poder.

Assim, Carlos Fabião afirmou no passado dia 1 que "terá de ser o povo angolano a lutar pela sua independência verdadeira, depois do 11 de Novembro, data em que o Poder será de facto transmitido para os Angolanos".

Por seu lado, ao partir para Kampala, Vitor Crespo afirmou:

"Tais quais os conhecemos os movimentos de libertação deixarão de ter sentido após a independência. Portugal está a observar atentamente todo o evoluir da situação angolana para depois se pronunciar relativamente ao Governo que em Angola representa toda a nação angolana".

Enquanto Portugal hesita e não sabe o que há-de fazer, A. Neto afirma que "com ou sem o acordo de Portugal estamos decididos a proclamar a nossa independência, que é, de facto, a conquista pela qual o nosso povo tanto lutou e se sacrificou. Não é um favor que esperamos do Governo Português. É o nosso direito, é o direito que o MPLA vai arrancar em nome do conjunto do povo angolano..."

## MUITOS FICARÃO PELO CAMINHO

Ao nos referirmos às três hipóteses que neste momento nos parecem teoricamente possíveis, não queremos deixar de sublinhar que, para além do evoluir do próprio processo em Angola, existe uma muito íntima articulação dialéctica com o evoluir do processo revolucionário português, pelo que as referidas hipóteses são necessariamente conjecturais.

Com efeito, se uma eventual alteração à direita, (até 11 de Novembro), do actual xadrez político em Portugal não traria grandes repercussões imediatas na independência de Angola, já uma inflexão para a esquerda poderá favorecer, ao menos diplomaticamente (no futuro imediato) o MPLA.

Como se vê, uma vez mais, os processos angolanos e portugueses andam lado a lado, se bem que haja o perigo real de Angola se ir tornando numa nação consolidadamente progressista, enquanto que Portugal só poderá ir tornando numa nação com governantes acentuadamente contra-revolucionários...

De facto, os revolucionários angolanos sabem bem que lhes seria de toda a conveniência (económica, política e diplomática) que os órgãos de soberania portugueses fossem autenticamente revolucionários.

No entanto, qualquer revolucionário também sabe que, acima de tudo, há quem "contar com as suas próprias forças", por maior que seja a solidariedade entre todas as nações progressistas.

Além disto o MPLA, como frente ampla que é, sofrerá certamente, ao longo do crescimento e maturação que constitui

qualquer processo de pós-dependência, uma transformação contínua, permanente, como, de resto, já vem acontecendo depois do 25 de Abril.

A respeito do carácter ininterrupto dos processos revolucionários, diz o camarada Samora Machel:

"Os que não são capazes de seguir em frente serão automaticamente afastados. O caminho da revolução é sinuoso. Os que o seguirem encontrarão montanhas, precipícios, chuvas, tempestades... Para enfrentar estes obstáculos é necessário estar-se temperado na luta revolucionária. É necessário criarmos anti-corpos para enfrentarmos o futuro. Esses anti-corpos são precisamente o combate permanente por novas ideias, a luta contra o confronto e a renúncia aos privilégios".

Com efeito, tanto em Angola como em Portugal, a luta será dura e muitos ficarão pelo caminho.

Mas o heróico povo angolano e o seu glorioso MPLA vencerão, porque a luta que o MPLA trava em Angola contra os agentes neo-colonialistas do imperialismo enquadra-se e apoia-se nas massas populares.

Assim, A VITÓRIA É CERTA!

A LUTA CONTINUA!

(1) Vitor Crespo declarou no passado dia 31 que "certos elementos da UNITA pretendem imprimir aos destinos de Angola também uma via progressista".

# AS DUAS TÁCTICAS E OS TRÊS SOCIALISMOS

Então considerado como partido de esquerda, o PS conheceu, logo após o Golpe de Estado de 25 de Abril de 1974 um período de expansão, que abrangeu directa ou indirectamente (servindo-se também do então MSP) muitos milhares de operários e trabalhadores. O PS era geralmente visto como **Socialista** e obedecendo a um projecto que, sob a capa da anti-burocracia com que se afastava do PC, lhe dava uma feição de esquerda. Para melhor afastar de cima de si os inconvenientes do rótulo de social-democrata, o PS afirma-se publicamente como não sendo. Para se o agravar da situação económica, o aquídizal carregar de um certo ar de revolucionário, o congresso termina com o secretário-geral a proclamar vivas à Revolução Socialista. Aos

olhos dos militantes mais esclarecidos e experientes, era notória a manobra do PS e as suas razões: a força demonstrada pelo proletariado através do seu inconformismo com esquemas pré-fabricados, da sua capacidade criadora e organizativa, da sua capacidade de luta e iniciativa, fizeram com que os partidos conservadores não aparecessem tal como eram e são, mas tivessem tido a preocupação de, **nas palavras**, se definirem como sendo de esquerda. É assim que o CDS não aparece claramente como fascista que é; é assim que o PPD não aparece como organização francamente reacçãoária que é e se auto-classifica de social-democrata; é assim que o PS não aparece como social-democrata que é e se auto-proclama como organização revolucionária.

Tudo isto é teoricamente possível ou, se se quiser, aparentemente possível. Tudo isto foi possível nalguns países da Europa. Mas foi-o porque as condições eram outras: foi possível porque não havia então a experiência da prática social-democrata que hoje temos e onde se comprova que a social-democracia não é via para o socialismo, mas apenas um meio para conservar e consolidar o capitalismo; foi possível porque o grau de consciência e organização re-

volucionárias do proletariado era bem menor que hoje, foi possível porque as correntes "revolucionárias" estavam enfeudadas a esquemas nascidos noutras circunstâncias, portanto inadaptáveis àquelas situações concretas; foi possível porque o capitalismo era então rei e senhor à face da terra; foi possível sobretudo, porque a Revolução Burguesa não estava concluída o que possibilitou ao Capital ultrapassar a crise e entrar em nova fase de expansão.



## O SOCIAL-DEMOCRACIA — SOLUÇÃO IMPOSSÍVEL

O problema é que hoje, em Portugal, a crise económica é total. O problema é que a crise que vivemos não diz respeito somente a Portugal, inscreve-se na crise do Capitalismo à escala mundial. O problema é que já não há mais Imperialismos a criar ou a desenvolver. A Revolução Burguesa deu o que tinha a dar e o capitalismo não pode mais manter-se por um qualquer "pluralismo", por um qualquer "socialismo em liberdade". A social-democracia não é mais possível porque não há mais margem económica que permita entreter o operário com frigoríficos, televisões, carros, etc. etc. O que há, é a inflação e desemprego, logo descontentamento e protesto, lutas sociais e políticas. O Capital não tem hoje outra hipótese senão remeter-se à defensiva. Defender-se significa abdicar do ideal impossível (social-democracia) e agarrar-se à única forma possível: o fascismo. Defender-se significa



abandonar a subtilidade e sacar das espingardas e canhões, de que o Chile é o 1.º exemplo. Na impossibilidade de fazer vingar o seu projecto de sociedade capitalista, social-democrata, o PS fica irremediavelmente entalado entre o fascismo e a ditadura do proletariado, vendo-se, portanto que a sua condição de partido burguês vem ao de cima. O PS desmascara-se como organização anti-comunista que se alia, de facto, à direita fascista (PPD, CDS, ELP, etc) e ao imperialismo. O "pacifista" PS salta então para a rua, mobiliza milhares de pessoas incluindo fascistas, dando assim

cobertura aos ataques que visaram exactamente organizações de esquerda e que culminou com soldados feridos e trabalhadores mortos. O "ordeiro" PS arrastou o V Governo para a queda através de uma onda de agitação marcada pela violência reacçãoária. O "disciplinado PS" provocou a saída do brigadeiro Corvacho fomentando e dando cobertura a uma vaga de desobediências por parte de oficiais abertamente reacçãoários. O "pluralista" PS dá a mão à Igreja, essa Igreja que permanece intacta desde o 25 de Abril e que foi um dos sustentáculos do "pluralismo" Salazar-caetanista. Etc, etc, etc...

## O PS SEM MÁSCARA

Simplemente das tensões sociais e a radicalização da luta a nível político-militar iriam obrigar a que o PS se definisse ou, por outras palavras, que contrariasse nos actos tudo quanto "vendia", por palavras nos comícios. E, como não podia deixar de ser, as contradições dentro do PS rebentam e com esse rebentar vêm as cisões, começa a escassear o número de proletários nas suas fileiras, ao mesmo tempo que aumenta o número de inscritos pequeno e médio-burgueses e até de ostensivos reacçãoários. A máscara ia caindo e o PS ia deslizando a olhos vistos para o seu verdadeiro lugar: a direita social-democrata, corrente ideológica que, infiltrada nas hostes trabalhadoras, permitiu que

o capitalismo sobrevivesse no pós-guerra em muitos países da Europa. Mário Soares dizia não ser social-democrata, mas os seus grandes amigos com os quais se encontra frequentemente e a quem convidou a visitar Portugal, eram os social-democratas Wilson, Brandt, etc. Deles recabia todo o tipo de auxílio, mesmo financeiro! O PS declarava que não era anti-comunista, mas defendia a permanência de Portugal nesse órgão de objectivos puramente anti-comunistas que é a NATO! O PS proclamava-se como anti-capitalista, mas defendia uma integração de Portugal no Mercado Comum Europeu, o que só é possível se continuarmos em capitalismo!

## O SOCIALISMO DO DR. SOARES E Cia



O PS aparecia, pouco a pouco, como social-democrata, logo burguês, logo capitalista. O "Socialismo" de que fala e que pretende não é senão uma nova forma de capitalismo, tão exploradora como as demais, tão opressora como as demais. Só que a exploração e a opressão social-democratas não são feitas "a martelo", são feitas com "pézinhos de lá". "A maneira mais eficaz de eficaz de explorar é fazê-lo de forma a que o explorado não se dê conta que o é. A melhor maneira de o oprimir é fazê-lo por forma a que o oprimido não se dê conta de que o é. A demagogia passa então a ser a arma utilizada por excelência. O cassetete e a policia de choque só devem ser utilizados "in extremis".



## O «PARTIDARISMO» DOS «NOVE»

Tudo isto, evidentemente, culminou com o aparecimento à luz do dia da fracção social-democrata militar: a saída do documento dos Nove de teor vincadamente anti-comunista e que, através de um golpe palaciano cimentado na "obra prima" do PS dá início a um vasto saneamento à esquerda ao mesmo tempo que recoloca na cena política elementos militares reacçãoários como Pinho Freire, Pires Veloso e outros. E o "partidarismo" dos militares tão caramente defendidos pelos Soares, Melo Antunes e Cia dá lugar à mais descarada e estreita ligação PS-"NOVE", isto é, do mais descarado partidarismo a nível das instâncias do poder político-militar. O que temos, pois, é um quadro

onde se desenhou claramente a aliança entre social-democracia e fascismo. Quando por altura de Maio prevíamos esta santa aliança não nos enganávamos. Nem nos enganamos quando na mesma altura denunciávamos qual o papel que cada qual (social-democratas e fascistas) haveria de desempenhar. Efectivamente, quando prevíamos que o PS viesse a desempenhar em Portugal o mesmo papel que a Democracia Cristã desempenhou no Chile acertávamos em cheio. Aquilo a que assistimos é a concretização clara e infosismável de tal previsão. Tal como aconteceu no Chile com a Democracia Cristã, também aqui é o PS quem mobiliza, quem faz inflamados discursos anti-comunistas, quem canaliza o

# AS DUAS TÁCTICAS E OS TRÊS SOCIALISMOS

descontentamento popular (frequentemente justo) e de que o PS é um dos responsáveis, para posições de direita deixando o campo aberto ao fascismo.

A perspectiva do fascismo, por si só, não é viável, pela simples razão de que nem PPD, nem CDS, nem o PS é hoje conjuntamente com os "nove" muleta do fascismo, nem ELP, nem Spínola, nem Pires Veloso são capazes de conseguir uma base social de apoio para o seu golpe. Logo, por si sós, os fascistas não poderiam ir longe. A perspectiva do fascismo torna-se viável na medida em que o PS e os NOVE aparecem a fazer aquilo que os fascistas não conseguem: o fomento do sentimento anti-comunista e a mobilização para a rua de milhares de pessoas his-

tericamente anti-comunistas, por um lado, e por outro lado, a ocupação de postos chave do poder político-militar "ornamentada" com saneamentos à esquerda. Para cimentar o bdo anti-comunista, todos os argumentos são válidos para a social-democracia. A demagogia é a arma utilizada, e a comprová-lo está a campanha lançada contra a imprensa. Aí o PS começa, não sem alguma razão por protestar contra o controle partidário do PC. Mas uma vez conquistados os postos chave do poder político pela equipa PS mais NOVE mais FASCISTAS, eis que o PS propõe, pura e simplesmente que a imprensa independente acabe e que os jornais sejam distribuídos por alguns dos Partidos por eles (sociais-democratas), julgados convenientes! Incrível, mas... verdadeiros!!!

varam **extemporaneamente** longe demais o seu direito. Fazem-no, apenas e só, porque tanto Pires Veloso como Sá Carneiro não são a direita fascista, mas, apenas duas das suas figuras.

A hipótese do fascismo é um dado que aparece **sempre** no decurso de qualquer processo revolucionário. E aparece, não por maquiavelismo ou "desonestidade" de A ou de B, mas porque a burguesia e a reacção não encontram outro modo de garantir a sobrevivência do capitalismo senão através da mais brutal repressão, única forma pela qual poderão esmagar a resistência proletária ou

popular e destruir os órgãos de poder paralelos que os trabalhadores vão criando e que conjugados com os apoios dentro do próprio aparelho de Estado burguês, põem em causa todo o edifício capitalista. A inviabilidade de qualquer projecto social democrata surge, então, à vista, entalado entre as duas únicas hipóteses com possibilidade de concretização: o fascismo ou a Revolução Socialista.

No nosso caso, tal quadro é perfeitamente nítido, e de nada vale clamar contra a "desonestidade" dos Sá Carneiro, Pires Veloso e C.\* A estes, se for necessário adjectivá-los, dir-se-á então que são

burgueses e reacçãoários com consciência dos interesses da classe que defendem. A moral não vem aqui a propósito sobretudo se não definirmos a moral de um ponto de vista de classe. Pode até dizer-se que, do ponto de vista da moral burguesa, como burgueses que são, são indivíduos honestos. Tão

honestos quanto burgueses e reacçãoários. O mesmo se poderá dizer dos Mários Soares, Melos Antunes, e C.\* para quem a moral é uma questão reduzida às dimensões do humanitarismo, forma burguesa e paternalista de conceber e interpretar as relações entre os homens.

## SEM SOCIAL-DEMOCRACIA FORTE NÃO HÁ FASCISMO

Mas aquilo com que se deparam em Portugal os sociais-democratas é com uma reduzida aceitação activista no proletariado do que a nossa situação se distingue da maioria dos países da Europa, onde as correntes social-democratas estão verdadeiramente infiltradas no seio do proletariado através dos seus aparelhos político e sindical. Acontece que aqui a social-democracia não tem conseguido transformar em organização a sua aceitação, excepção feita aos resultados das últimas eleições para direcções de alguns sindicatos. Excepção que é pequena sobretudo se atendermos a que são ramos "marginais" da cadeia de produção, logo com fraco valor estratégico, e ainda ao facto de não assentarem em tradições sindicalistas que deem às respectivas direcções o campo de manobra que desejariam e de que tanto necessitariam.

De qualquer modo, aparece claro que do êxito da social-democracia em mobilizar trabalhadores e organizá-los na mira do anti-comunismo depende em grande parte o êxito dum golpe fascista. Isto significa que um dos combates dos revolucionários deve centrar-se no combate frontal à social-democracia a nível de massas, no sentido de obstar a que trabalhadores venham para a rua combater o projecto de Revolução Socialista e dando, ao mesmo tempo, cobertura à acção brutal e sangrenta do fascismo. Poder-se-á dizer que tal combate põe em causa liberdades que são caras as classes trabalhadoras. Nós respondemos que não, desde que tal combate obedea a métodos revolucionários. Com isto queremos dizer que tal combate deve começar por ser um combate ideológico, logo não sectário nem dogmático são sintomas de desespero próprio a quem não se sente seguro de si mesmo, dos seus, e das perspecti-



vas políticas que diz defender. A firmeza significa intrasigência nas questões de princípio responder a argumentação (qualquer que seja) com argumentação política. A firmeza significa, perante os trabalhadores não responder às

manobras e a demagogia com a manobra e a demagogia exige sim que se lhes responda com a denuncia pública das manobras e a defesa pública da verdade. Tudo isto evidentemente no que respeita a trabalhadores.

## SECTARISMO — FALSA FIRMEZA

A utilização frequente dum comportamento sectário e dogmático não é intrasigência ou firmeza ideológica, é do ponto de vista proletário, a transigência e o violar de princípios revolucionários, na medida em que tal comportamento é, às mais das vezes, expressão dum caciquismo típico de quem, na prática, se afirma como o padrão ideológico (e não só) das classes trabalhadoras. No fundo a questão é que, quem de tal forma se comporta, exhibem disso se dar conta, a falta de confiança que tem no proletariado motivo a que não são alheios interesses partidários com uma marca de classe e que apontam, quer o neguem, quer não, para o controle do proletariado por castas burocráticas que, em nome desse mesmo proletariado se propõem exercer a sua ditadura.

Poderá haver e haverá quem interpele dizendo que o que acabamos de dizer são votos piedosos já que a maioria dos PS's não é susceptível de reconversão e, por outro lado, não é com "discursos" que se faz frente à violência revolucionária.

Pois bem! Quanto à primeira questão, lembramos que nos cingiamos ao trabalho apenas junto das massas trabalhadoras. Logo, afastávamos os extractos sociais conscientemente saudosos dum capitalismo cego e brutal.

Finalmente temos em consideração o fruto da discussão ideológica franca e aberta em relação aos trabalhadores em geral que não sendo sociais democratas repudiam com veemência e razão os métodos autocráticos com que frequentemente se deparam perante militantes de esquerda.

## A LIBERDADE E A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

No que toca à segunda questão o problema é bem outro, e ninguém como o PRP e as B.R. estão em condições de dizer que a violência reacçãoária é necessário responder

com a violência revolucionária. Efectivamente, tal tem sido a nossa prática, desde 1971 a esta parte. Mas o que não podemos confundir

Continua na pág. 12

## O PERIGO VEM DA SOCIAL-DEMOCRACIA



Como se vê, o socialismo que a social-democracia pretende é um "socialismo" sem revolucionários, sem poder popular, disciplinado administrativamente de cima para baixo, parlamentar, com a mão dada ao imperialismo, comprometido com a NATO. Como se vê, o "socialismo" que a social-democracia quer é, antes de tudo, anti-ditadura do proletariado. Como se vê, o "apartidarismo" defendido pelo PS é, nem mais nem menos, que o seu partidarismo. Por outras palavras o "socialismo" que a social-democracia pretende é... CAPITALISMO. O que separa o "socialismo" da social-democracia dos fascistas é apenas uma questão de forma. E como os dois precisam um do outro para evitar aquilo que são alérgicos — a dita-

dura do proletariado — eis porque se aliam.

O inimigo? a santa aliança é fascismo. E, sim, a santa aliança entre a social-democracia e o fascismo. Isso mesmo que permite a um e a outro **manterem de pé a hipótese da sobrevivência do capitalismo**. Mas se o inimigo principal é essa santa aliança, já o perigo vem da social-democracia na medida em que é a ela que cumpre levar por diante o que falta realizar do projecto de golpe de Estado fascista levar mais longe a "consciência" anti-comunista. Se a social-democracia (PS, NOVE) não o conseguirem o golpe fascista não passará de projecto ou será um acto de desespero que terá o desfecho identico à tentativa Spínolista do 11 de Março.

## O FALSO ANTI-FASCISMO DOS FALSOS DEMOCRATAS



E mesmo quando alguns dos "NOVE" se pronunciam contra Pires Veloso ou quando o PS marca as suas distâncias em relação a Sá Carneiro, não nos iludamos. Fazem-no, apenas e só, na defesa dos seus interesses. Fazem-no, apenas e só, porque tanto Pires Veloso como Sá Carneiro le-

# AS DUAS TÁCTICAS E OS TRÊS SOCIALISMOS

trabalhadores que ainda hoje simpatizam com a social-democracia com a violência, já que esta é obra da autoria de outra gente, mesmo que trabalhadores nela tomem parte activa. Não desconhecemos que há trabalhadores reacccionários a quem é preciso tratar como traidores da classe. Não desconhecemos que a maioria das bases activas do PS são pequenos médios e até grandes burgueses. Não desconhecemos que as cúpulas do PS foram (e serão logo que possível) instigadores conscientes da violência reacccionária. Não abdicamos de responder à violência reacccionária com a violência revolucionária.

Mas o que não podemos também deixar de reconhecer é que

social-democracia mobiliza para os seus ataques violentos estão lá por deficiências e insuficiências no trabalho revolucionário de massas. A comprová-lo estão os milhares de trabalhadores que o PS não conseguiu mobilizar em Lisboa e no Porto nas últimas semanas e que antes do golpe dos "NOVE" estiveram na rua a atacar sedes de partidos de esquerda (ou a dar cobertura aos atacantes), mobilizados, pelo mesmo PSI Gostaríamos mesmo de saber quantos dos civis que prestaram a sua solidariedade activa aos soldados do RASP-CICAP não teriam estado nessas grandes movimentações promovidas pelo PS antes da queda do V Governo! Estamos certos que seria interessante conhecer o número, muitos dos trabalhadores que a

dera que tal ruptura exige a formação dum Exército Revolucionário sem mais MFA's elitistas, por muito bom nome que tenham este ou aquele generais; enquanto a esquerda revolucionária encara como 1.ª tarefa o avanço na organização do Poder Popular no sentido de atribuir a este TODO O PODER; enquanto a esquerda revolucionária não trabalha para que não sejam os trabalhadores a apoiar os oficiais progressistas

mas, ao contrário, para que sejam os oficiais progressistas a apoiar os trabalhadores; enquanto a esquerda revolucionária se esforça para que os trabalhadores compreendam o papel direitista e objectivamente pró-fascista da social-democracia, enquanto a esquerda revolucionária coloca abertamente o problema do armamento dos órgãos de Poder Popular, o que fazem as organizações reformistas? Pois o reformismo não diz nada

acerca da maneira prática de resolver a situação; não abre a boca acerca do Exército Revolucionário, projecta figuras militares mantendo de pé a ideia dum novo MFA; protege militares social-democratas; atribui ao Poder Popular um papel secundário de muleta dos oficiais progressistas; estende a mão à social-democracia dando-lhe uma imagem de "esquerda"; não coloca o problema do armamento dos órgãos de Poder Popular.

## VANGUARDA OU RECTAGUARDA DO PODER POPULAR?



dos trabalhadores foi fruto da iniciativa do PC. Ao contrário ostensiva ou veladamente, quase todas foram à nascença criticadas e sabotadas pelo PC que só quando via que esse era o caminho irresistível procurava então "entrar" já com o comboio em andamento para não ficar definitivamente apeado. E o caso mais flagrante e fresco os SUV. E quem assim procede não quer a ditadura do proletariado quer o CAPITALISMO DE ESTADO.

Nota-se pois, todo um esforço no sentido de evitar que o movimento operário saia do controle de cúpulas partidárias e passe a ser autenticamente operário. Nota-se ainda que o "entrar" com o comboio em andamento se faz com

o intuito de melhor o controlar "por dentro", de melhor o travar "por dentro". Tudo isto porque, por muito que esconda a direcção do PCP ainda não viu ou não quis ver que em Portugal ou há ditadura do proletariado através dos seus órgãos políticos e militares autónomos e apatidários, ou há fascismo. Não viu ou não quis ver todos os esforços no sentido da criação e coordenação de órgãos de Poder Popular organizados política e militarmente, poucos. Não viu ou não quis ver que, não trabalhando nesse sentido objectivamente a deixar campo aberto ao fascismo. Não viu ou não quis ver que, a persistir no intuito de ser e alcançar o poleiro, morre antes de lá chegar sob as balas do fascismo.

## A «LIBERDADE» BURGUESA E A LIBERDADE REVOLUCIONÁRIA

As liberdades a que os trabalhadores aspiram são liberdades revolucionárias. É a liberdade de se poder (quem quer que seja) dizer NÃO. Quando a liberdade burguesa começa, a liberdade revolucionária acaba porque as classes minoritárias e seus agentes, ultrapassando a liberdade de DIZER NÃO passam à acção de FAZER NÃO: Aí sim, terminam as "beneses" da liberdade revolucionária. E como as classes minoritárias (burguesas) e seus agentes (reaccionários) não têm outra hipótese de FAZER NÃO senão através da manobra e da demagogia terminando na violência reacccionária, darão então azo, aí sim, a que sobre elas se abata a violência revolucionária. Mas esta violência revolucionária deve ser tão descentralizada quanto possível, isto é, deve ser exercida directamente pelos órgãos de Poder Popular.

volucionários combate mais eficaz à reacção do que desmascarar e isolar aos olhos das massas trabalhadoras, os reaccionários desmascarando a sua demagogia, as suas manobras e os interesses que lhe estão por trás. Por isso se opõem à liberdade de dizer NÃO através de medidas administrativas, aqueles que aqueles que não desejam a verdadeira ditadura do proletariado, mas a ditadura dum partido em nome do proletariado. Pretendem, pois, que quem não está de acordo com eles é forçosamente reaccionário e aspiram a instaurar aqui um tipo de sociedade idêntico ao dos países do Leste europeu. A prova disso são os saneamentos à esquerda por eles levados a cabo (Caxiás, Sindicatos dos Metalúrgicos de Lisboa e Porto, etc), numa altura em que a social democracia e o fascismo não tinham ainda força para sanear. Estranho é que, nessa altura, não se tivessem preocupado em sanear à direita...

Afinal, qual o significado de tudo isto? Para já, e como ponto fundamental porque esta benevolência para com uma social-democracia que já deu mais do que prova do lado em que estava e que escolheu como alvo preferencial da sua violência essas mesmas organizações reformistas?

O problema fundamental é que essas organizações reformistas procuram, a todo o custo, que o poder não seja de facto tomado pelos trabalhadores organizados em órgãos do Poder Popular. E quem não quer que tal aconteça só pode pretender que o poder seja tomado pelos trabalhadores organizados em órgãos do Poder Popular. E quem não quer que tal aconteça só pode retender que o poder seja tomado por essas próprias organizações em nome dos trabalhadores. Aliás, todo passado mesmo o próximo e coerente com esta perspectiva Vejamos quando é que no "Avante" se incitaram as Comissões de Trabalhadores? Quando é que no "Avante" se começou a falar de Poder Popular? Já alguma vez alguém viu no "Avante" a defesa da organização política e militar dos órgãos de Poder Popular? Quando é que o "Avante" começou a pronunciar-se sem reticências pela ocupação de latifúndios? Enfim, muitas mais interrogações similares poderíamos apontar. Estas bastam, no entanto, para chegar a esta observação simples e directa do PCP nunca ao longo de todo este processo ocupou uma posição de verdadeira vanguarda. Nada do que de mais positivo se conseguiu a nível da organização unitária e apatidária

## QUEM TEM CAPA SEMPRE ESCAPA

Pois, natural que, de acordo com este posto, o PC prefira que sejam alguns oficiais a avançar do que os próprios trabalhadores devidamente organizados. E prefere que sejam alguns militares por duas razões: a primeira porque por si só o PC não tem qualquer hipótese a segunda é por que a esmagadora maioria das massas trabalhadoras repudiaria frontalmente uma "golpaça" com o selo do PC. Logo militares desde que devidamente controlados seriam a dupla vantagem mais viável em de tornar o projecto do capitalismo de Estado. Esquece, e o PC que jamais as massas trabalhadoras voltarão a acreditar em qualquer MFA, tenha ele este nome ou outro. Esuque o PC que os trabalhadores antes de fazer qualquer esforço de produção se interrogam:

mas trabalhar PARA QUEM? E esquece o PC que os militares não são nem dão garantia alguma aos trabalhadores de que estes estariam efectivamente a trabalhar para eles próprios. O que o PC não quer ver é que os trabalhadores só produzirão mais e melhor se tiverem garantias de que estão a semear hoje para colher amanhã. E o PC não quer ver que tal só será possível se forem os próprios trabalhadores através dos órgãos de Poder Popular, a deterem dos poderes político-militar. E que, se assim não for, a fome e a miséria darão imediatamente lugar ao fascismo. órgãos de Poder Popular, a deterem os poderes político militar. E que, se assim não for, a fome e a miséria darão imediatamente lugar ao fascismo.

## GOLPE OU INSURREIÇÃO



Chile — ataque ao Palácio da Moeda



Começamos agora a dispôr de alguns elementos que nos ajudam a compreender a razão das duas tácticas de que nos falta falar: a dos reformistas e a da esquerda revolucionária. Afinal sempre é possível ver o fundo ao tacto...

desenvolvido por uns e por outrs se nota esta diferença fundamental: enquanto a esquerda revolucionária pretende que a tomada do poder se dê através da organização política e militar dos órgãos de Poder Popular; enquanto a esquerda revolucionária consi-

## O PC E O NAMORO COM O PS

Quanto ao namoro com a social-democracia é claro que a direcção do PC necessita tanto do PS como o PS necessita do PPD, do PPD do CDS e do CDS do ELP. A direcção do PC quer salvar o PS porque precisa de alguém à sua direita para lhe dar uma cobertura de esquerda. A direcção do PC sente e sabe que, sem o PS, o PC, aparecia claramente aos olhos dos trabalhadores como sendo a direita das esquerdas. Ou, se se quiser, o

PC apareceria então como corrente neo-social-democrata. Por isso Cunhal estende a mão a quem lhe chama do pioro, a quem o atacou ferozmente, a quem incendiou sedes do PC e matou militantes do PC, a quem derrubar o V Governo tão querido do PC, a quem saneia agora militantes e simpatizantes do PC, a quem deu e dá cobertura à acção do fascismo a todos os níveis.

# ESPAÑA 1937

## ANDRÉS NIN:

# FASCISMO OU REVOLUÇÃO

...As duas grandes personalidades dos comunistas de Espanha, Nin e Maurín abandonaram a Kommitan há muito tempo para fundar o P.O.U.M. Os actuais líderes do Partido Comunista Díaz Mije, Jesus Hernández, Uribe e outros são apenas conhecidos pelas massas e não devem a sua influência de modo nenhum ao seu prestígio pessoal. E a Passanária que tem um enorme prestígio não é um líder político.

(...) "Mas na hora de fazer o balanço, isto não chega. Jesus Hernández relatou-nos em que condições morreu Andrés Nin, "pela mesma mão que na Rússia foi fisicamente exterminada a velha guarda bolchevique". Os verdugos, sabendo-o doente, torturaram-no barbaramente. Esperavam arrancar-lhe uma "confissão" que compromettesse o P.O.U.M. (Partido Obrero Unificado Marxista), aos dirigentes bolcheviques russos e ao próprio Trotsky. Mas, como disse Jesús Hernández, "Nin resistia incrivelmente. Nele não se dava essa fraqueza moral e física que levou a alguns dos mais destacados colaboradores de Lenin a falhar na sua vontade e firmeza revolucionárias..."

## EXTRACTOS DE "A SITUAÇÃO POLÍTICA E AS TAREFAS DO PROLETARIADO"

**Este documento é o projecto de "Teses Políticas" redigido por Andrés Nin para ser submetido a discussão do Congresso Nacional do POUM, que devia celebrar-se em 19 de Junho de 1937, e que não se pode reunir por causa da repressão promovida contra o dito partido.**

I — Os acontecimentos que se desenrolaram em Espanha depois do Congresso da constituição do POUM, celebrado em Barcelona em 29 de Setembro de 1935, confirmaram que a posição fundamental do nosso partido, ao afirmar que a luta não era entre a democracia burguesa e o fascismo, mas sim, entre o fascismo e o socialismo, e ao qualificar a nossa revolução de democrática-socialista, era completamente justa.

A experiência de 1931-1935, demonstrou sobejamente a impotência da burguesia para resolver os problemas fundamentais da revolução democrática-burguesa...

A persistência das ilusões democráticas e da aliança orgânica com os partidos republicanos, conduziria fatalmente ao reforço das posições reaccionárias e, num futuro próximo, ao triunfo do fascismo como única saída de um regime capitalista incapaz de resolver as suas contradições internas dentro dos limites das instituições democrático-burguesas.

...A gestão dos republicanos de esquerda no poder, depois do 16 de Fevereiro, foi a absoluta confirmação das nossas previsões. Desde o princípio, estabeleceu-se um divórcio profundo entre o Governo e o poderoso impulso das massas, que

obrigavam aquele a publicar o decreto-amnistia e iniciava um vasto e profundo movimento de greves. Das bases reclamava-se uma actuação rápida e enérgica, uma política de realizações revolucionárias e de medidas rigorosas contra a reacção, cada



de mais insolente. De cima, efectuava-se uma política passiva, de contemporizações funestas; uma política cujo lema parecia ser o de não modificar nada, não assustar ninguém nem lesar os interesses das classes exploradoras. O resultado desta política foi o levantamento militar fascista do 19 de Julho de 1936. O estampido dos canhões e o crepitar das metralhadoras naquela madrugada de



CONSTRUÇÃO DUMA BARRICADA EM BARCELONA

A longa noite fascista de Espanha foi em parte consequência do reformismo, tão traidor como a social-democracia o foi na Alemanha de 1919

Julho, despertou do seu sonho os trabalhadores que mantinham ainda ilusões democráticas. A vitória eleitoral do 16 de Fevereiro não resolveu o problema levantado no nosso país. A reacção fascista recorria a argumentos mais convincentes que o voto. Valendo-se da situação privilegiada que o próprio governo da República lhe concedeu ao mantê-la nos postos estratégicos mais importantes, a imensa maioria da oficialidade do exército ao serviço das classes reaccionárias, desencadeava a guerra civil.

O levantamento militar-fascista provoca uma formidável reacção na classe trabalhadora, que se lança resolutamente no combate e,

desfeitos. Criam-se comités revolucionários por toda a parte. O exército permanente cai, e é substituído por milícias. Os operários tomam conta das fábricas. Os camponeses apoderam-se das terras. Conventos e Igrejas são destruídos pelo fogo purificador da revolução. Em poucas horas, em suma em poucos dias, os operários e os camponeses resolvem, pela acção directa revolucionária, os problemas que a burguesia republicana não pôde resolver em 5 anos e iniciam a revolução socialista por meio da expropriação da burguesia.

Durante um certo período os órgãos do poder burguês não são mais do que uma sombra. O poder real é exercido pelos comités revolucionários, que formam uma apertada rede em todas as regiões não ocupadas pelos fasciosos...

... A insurreição fascista, destinada principalmente a abafar o movimento operário revolucionário, acelera-o vertiginosamente, dando à luta de classes uma violência inaudita, pondo claramente o problema do poder: **ou fascismo ou socialismo**. O que se propunha ser uma contra-revolução preventiva, converte-se em revolução proletária, com todas as características específicas da mesma: relaxamento do mecenismo estatal burguês, decomposição do exército, das forças do Estado e das instituições judiciais, armamento da classe trabalhadora, que ataca e mina o direito de propriedade privada, intervenção directa dos camponeses, que expropriam os proprietários das terras, e finalmente a convicção, por parte das classes exploradoras de que o seu domínio terminou...

...A única saída imediata da situação era coordenar o avanço das massas e instituir um forte poder, com base em organismos saídos da revolução, como expressão directa da vontade dos que desempenhavam um papel predominante na luta contra o fascismo. Esse sólido poder não podia ser outro senão um Governo Operário e Camponês. Esta posição, sustentada pelo POUM, desde o momento em que o carácter da luta apareceu com clareza, tropeçou com a oposição de todos os partidos da Frente Popular e, em primeiro lugar com a do Partido Comunista, e com a indecisão da CNT, cuja ideologia anarquista a impedia de dar-se conta da importância fundamental e decisiva do problema do poder.

...Como na Rússia, em 1917, e em toda a Europa depois da Guerra Imperialista, o obstáculo mais considerável que se opõe ao avanço vitorioso da Revolução Proletária é o reformismo, agente da burguesia no movimento operário. Mas dá-se o caso paradoxal de que, no nosso país, o expoente mais característico do reformismo castrador seja precisamente o Partido Comunista de Espanha e a sua filial o Partido Socialista Unificado da Catalunha filiados numa Internacional, a Internacional Comunista, surgida em consequência da ruptura ideológica e orgânica com o reformismo. Prisioneiro da burocracia soviética, que voltou as costas à Revolução proletária internacional para centralizar todas as suas esperanças nos países "democráticos" e na sociedade das nações, o comunismo oficial abandonou definitivamente a política revolucionária de classe orientando-se para a aliança com os partidos burgueses democráticos...

... Na situação presente, inequivocamente revolucionária, a palavra de ordem "luta pela República Democrática Parlamentarista" não pode servir senão os interesses da contra-revolução burguesa. Hoje, mais do que nunca "a palavra *democracia* não é mais do que poeira nos olhos com a qual se quer impedir ao povo revolucionário de se levantar e avançar, livre, intrepidamente e por sua conta, para a edificação da sociedade nova" (Lenine). Como nos ensinou o Marxismo Revolucionário, a República Democrática não é mais do que uma forma disfarçada de ditadura burguesa...

... Para justificar a sua mon-

# ESPANHA 1937

Continuação da pág. 13

truosa traição ao Marxismo Revolucionário, os stalinistas argumentam que a República Democrática que preconizam será uma República Democrática diferente das outras, uma República "Popular", da qual terá desaparecido a base material do fascismo. Quer dizer que deixam escandalosamente de lado a teoria marxista do Estado como instrumento de domínio de uma classe, para cair na utopia do Estado democrático "passando por cima das classes", ao serviço do povo com o objectivo de mistificar as massas e preparar a consolidação pura e simples do regime burguês...

...O antifascismo em abstracto, habilmente maneado pelos reformistas... é o antídoto da Revolução proletária...

... Se o dilema perante o qual a

história colocou o proletariado espanhol é "fascismo ou socialismo", o problema fundamental da hora presente é o problema do poder. Todos os demais — o da organização militar, o da indústria de guerra, o dos abastecimentos, o da reconstrução económica do país, o da segurança interna etc. — estão subordinados a esse problema fundamental, cuja solução depende da classe em cujas mãos esteja o poder...

...O Partido Comunista de Espanha e o Partido Socialista Unificado da Catalunha, pela sua posição política presente, ... devem ser considerados como organizações ultra-oportunistas e ultra-reformistas. Pela sua política de colaboração de classes, pela sua renúncia total aos princípios e à tática fundamental do Marxismo Revolucionário, pelo seu auxílio declarado e activo aos planos de

estrangulamento da Revolução espanhola, urdidos pelo capitalismo nacional e internacional, o Partido Comunista e o PSUC desempenham o papel de agentes da burguesia no movimento operário, mais perigosos para a Revolução que a própria burguesia, na medida em que a sigla marxista com que se apresentam facilita a sua penetração nas fileiras do proletariado...

...Ao conquistar o poder, a classe trabalhadora não se limitará a utilizar o antigo aparelho de Estado — como o fez a burguesia democrática — mas destruí-lo-á pela raiz. Com a ajuda dos Comitês de Tra-

balhadores, Camponeses e Combatentes, transformará completamente o mecanismo governamental e instituirá um *governo barato* e verdadeiramente democrático...

A verdadeira democracia ficará garantida pela participação efectiva da imensa maioria do país na administração da coisa pública, a elegibilidade de todos os cargos, e a sua revogação a qualquer momento...

... A pequena-burguesia, potencialmente, não é revolucionária nem reaccionária. Quer uma ordem, seja ela qual for, mas uma ordem. E esta ordem não pode ser

estabelecida senão pelo proletariado ou pela burguesia.

Quando a classe trabalhadora actua resolutamente, dando a sensação nítida da sua força e de que sabe o que quer e aonde vai, a pequena-burguesia fica neutralizada e inclusivamente em grande parte segue o proletariado...

...A política de atracção da pequena-burguesia não consiste, pois, em conter o ritmo da Revolução, mas em acelerá-lo. Quanto mais audaz e decidido se mostra o proletariado, mais seguro pode estar da colaboração da pequena burguesia, ou pelo menos da sua neutralização...

## FARO

Continuação da pág. 5

palavra de ordem aos seus militantes para tentarem ocupar o Governo Civil; no entanto, se houvesse resistência militar, que desistissem...

— Durante a ocupação verificam-se factos de verdadeira disciplina revolucionária, mantendo-se intacto todo o mobiliário existente no interior do edifício e formando um Comité de Luta que emite imediatamente um comunicado ao país.

— Às 22 horas o PCP, sem consultar os restantes elementos do Comité de Luta, decide abandonar o Governo Civil e compromete-se com o Comandante do R.I.F. a tal, traíndo o restante Comité de Luta que decidira fazer uma análise das condições objectivas existentes à meia-noite e decidir, em função das conclusões, as acções a tomar.

— Entretanto, bandos fascistas eram transportados em autocarros postos à disposição pelo PS, para Faro.

— Às 24 horas, quando se discutia em plenário de cerca de 500 trabalhadores as acções a tomar o PCP, arbitrariamente, comete traição abandonando e dando ordem aos seus militantes para abandonarem o edifício imediatamente. Dezenas de trabalhadores do PCP não acataram a ordem tendo permanecido e alguns deles rasgado os seus cartões. Os dirigentes do PCP cometeram nova traição ao informarem os trabalhadores que se encontravam no exterior do edifício, que fora decidido abandonar o mesmo, o que levou à desmobilização de cerca de um milhar de trabalhadores.

— Entretanto, os fascistas capitaneados pelo arruaceiro José Luis ex-tudo andavam de megafone a mobilizar indivíduos que se encontravam na Feira de Faro.

Cerca de 1 hora do dia 27 inicia-se uma verdadeira batalha que se prolonga durante 4 horas tendo ficado destruído praticamente todo

o que existia no interior do edifício.

— Entretanto, mais duas são feitas aos trabalhadores: uma pelo aspirante Guerreiro, elemento afecto politicamente às forças contra-manifestantes e que não os dispôs, permitindo toda a espécie de vandalismo da parte destes; outra, foi a abertura da porta lateral pelo fascista Paulo Domingos.

— Daqui se extraem como conclusões principais: 1.º que o reformismo está na disposição de levar os trabalhadores para posições aventureiras no sentido de conquistar posições no aparelho de Estado burguês e governos de conciliação de classes, instrumentalizando em seu favor os justos sentimentos dos trabalhadores;

2.º Que o poder se toma através de actos de violência revolucionária e se mantém pela utilização dessa violência, pelo que só com os trabalhadores UNIDOS, ORGANIZADOS E ARMADOS, tal acto será possível.

### MILITARES DE FARO E DE TAVIRA

#### EXPLICAM OS INCIDENTES DA MANIFESTAÇÃO

Os soldados do R.I.F. e do C.I.S.T., presentes na alocução do primeiro-ministro em Faro, no dia 4-11-75, vêm informar directamente todo o povo trabalhador, a quem se sentem na obrigação de prestar contas, da verdade dos factos e da sua posição e evitar deste modo a propagação de boatos e o seu aproveitamento oportunista e reaccionário por parte dos provocadores fascistas.

1. Um grupo de mais uma centena de soldados do RIF e CIST deliberaram estar presentes na alocução do primeiro-ministro em Faro, no Largo fronteiro ao Governo Civil com o objectivo de, como povo que são, exigir melhores condições de vida como soldados e demonstrar a sua firme disposição de estarem sempre, sempre ao lado do povo;

2. Na sua concentração no terreiro, junto ao quartel do RIF, os soldados deliberaram ainda acerca de: a) a forma ordeira como se apresentariam, em filas de três de braco dado disciplinadamente; b) a sua localização autónoma relativamente à população civil para evitar e não dar aso a eventuais provocações das forças reaccionárias; c) As palavras que, depois de discussão conjunta, entenderam mais correctas e oportunistas: "Operários e camponeses soldados e marinheiros unidos venceremos", "Soldados sempre, sempre ao lado do povo", "os soldados são filhos do povo", "abaixo o pré de miséria", "fora com o AMI", "contra o fascismo, ofensiva popular".

3. No local da alocução a formação constituída exclusivamente por soldados no activo, ao contrário da insinuação reles posta a circular por provocadores fascistas, de que haveria civis fardados ali infiltrados, manteve sempre a mesma posição bem como uma distância considerada conveniente relativamente à população civil. Gritou nos intervalos da alocução as palavras de ordem atrás referidas.

4. Em consequência, um bando de arruaceiros e provocadores fascistas com bandeiras partidárias, já suficientemente conhecidas do povo de Faro pelas suas actividades contra-revolucionárias, avançou violentamente contra os soldados, tentando impedir pela força que estes se manifestassem, no que foram ajudados pelo brigadeiro Pezarat Correia, comandante da Região Militar do Sul e pelo tenente coronel Caminé, comandante interino do RIF.

5. Face à violenta ofensiva dos reaccionários, os soldados recuaram e fizeram-no conscientemente, para evitar envolver nas confrontações as massas trabalhadores que pudessem estar no local.

6. Os soldados sabem distinguir quem é o povo trabalhador, ainda que em alguns casos enganado pelas mentiras dos falsos democratas e dos falsos amigos do povo, que tentam virar contra os seus filhos fardados.

Contra os arruaceiros e provocadores fascistas, os soldados afirmam a sua determinação de contrapor a violência revolucionária à violência reaccionária.

"Operários e camponeses, soldados e marinheiros unidos venceremos"; "Soldados sempre, sempre ao lado do povo"; "Os soldados são filhos do povo"; "Abaixo o pré de miséria"; "Fora com o AMI"; "Contra o fascismo ofensiva popular".

## Durante o discurso de Pinheiro de Azevedo, soldados manifestam-se

— Inserindo-se na aliança directista materializada no VI Governo, após a mini-manifestação do PS, do comício do PPD em Faro com a presença de Sá Carneiro, do comício do PS em Lagos com a presença de Mário Soares, da sessão de cumprimentos, à boa maneira fascista, ao novo governador do PS e inimigo confesso do Poder Popular segue-se a visita de Pinheiro de Azevedo a Faro, Desnecessário será referir que tal como nos velhos tempos houve autocarros, viagens pagas, dispensas dos patrões para os trabalhadores irem mostrar a "sua estima" ao sr. Pinheiro de Azevedo.

Estiveram presentes os Estados Maiores do PPD's e PS's bem como da R.M. do Sul. Estiveram presentes todos os reaccionários do Algarve e outros que para lá foram. Enfim, um carnaval.

Estiveram também presentes soldados de Tavira e de Faro que constituíram a nota discordante do

convívio social-democrata-fascista, porque gritando palavras de ordem justas interromperam a ladainha bucólica-poética de P. Azevedo. Aí Pezarat e Caniné com outros que tais, correm para os soldados seguidos dos PPD's, CDS

etc. Seguem-se confrontos físicos entre os soldados e os fascistas e posteriormente os soldados emitem um comunicado desmistificando as mentiras e os boatos espalhados pelos contra-revolucionários.

## DESARMAR A QUEM?

Continuação da pág. 7

de Azevedo ou o senhor Vasco Lourenço interrogado os seus parceiros do PPD sobre o destino que estes pretendem dar às armas que possuem? Ou será que estas estão bem entregues em algumas unidades de confiança?

Não subsistem dúvidas de que lado da barricada estão o VI Governo Provisório e o chamado Conselho da Revolução. Eles são claros: pretendem desarmar os trabalhadores e as forças revolucionárias e progressistas e armar ex-comandos, retornados reaccionários e todos aqueles que estejam dispostos a vender-se

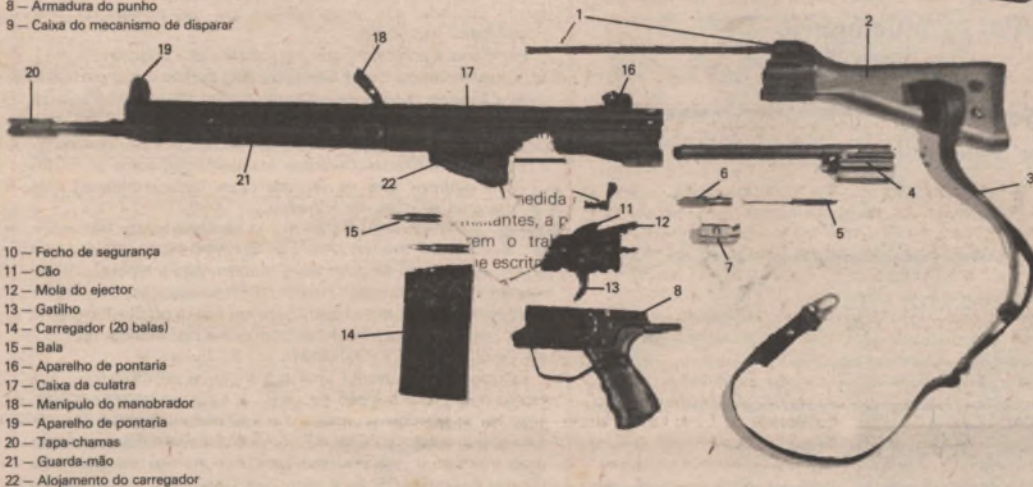
para reprimir e matar o povo.

Quem vê isto tudo e não tem memória vurt, quem se lembra que também no Chile, algum tempo antes do golpe criminoso que banhou em sangue o povo chileno, se desarmaram trabalhadores e organizações de esquerda, que, luta por que Portugal não seja o Chile da Europa, terá de dizer não a mais este decreto fascista — decreto sobre o desarmamento — Secretariado Nacional da F.U.R. a mais este decreto fascista — decreto sobre o desarmamento — Secretariado Nacional da F.U.R.

# A ARMA

A PARTIR DO N.º 51 O "REVOLUÇÃO" PASSOU A TRAZER ARMAS... EM FOTOGRAFIA

- 1 — Mola recuperadora e haste-guia. Tapa da caixa da culatra
- 2 — Coronha
- 3 — Bandleira
- 4 — Corpo da culatra com tubo para a mola recuperadora
- 5 — Percutor e mola
- 6 — Peça de comando de travamento
- 7 — Cabeça da culatra
- 8 — Armadura do punho
- 9 — Caixa do mecanismo de disparar



- 10 — Fecho de segurança
- 11 — Cão
- 12 — Mola do ejector
- 13 — Gatilho
- 14 — Carregador (20 balas)
- 15 — Bala
- 16 — Aparelho de pontaria
- 17 — Caixa da culatra
- 18 — Manipulo do manobrador
- 19 — Aparelho de pontaria
- 20 — Tapa-chamas
- 21 — Guarda-mão
- 22 — Alojamento do carregador

## ESPINGARDA AUTOMÁTICA G-3

Pode fazer tiro semi-automático ou tiro automático, o que corresponde ao que se chama normalmente de "tiro a tiro" (posição E) e "rajada" (posição F).

A alimentação pode ser feita por carregadores ou manualmente.

Pode lançar granadas, devendo utilizar-se nesse caso cartuchos especiais sem bala.

Podem utilizar munições de qualquer das nações da NATO.

### ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

Calibre — 7,62 MM  
Comprimento da arma — 1,02 m  
Peso com guarda-mão e carregador cheio — cerca de 4,5 kg  
Cadência de tiro — 550 e 600 tiros por minuto  
Alcance máximo — cerca de 3800 m  
Grauação da alça — 100 a 400 m

## AS DUAS TÁCTICAS

Continuação da pág. 12

E justificam-se os dirigentes do PC dizendo que a união com o PS é necessária para barrar o caminho à direita. Como se o PS fosse mais anti-PPD que anti-PC, como se o PS fosse mais anti-fascista que anti-comunista!!! Como se o PS tivesse algum dia sido ou pudesse vir a ser revolucionário! Como se o PS não fosse a grande cartada com que o imperialismo conta para evitar a Revolução Socialista em Portugal, razão pela qual o imperialismo não se dá ao trabalho de pactuar com a social-financia. Como se o PS não fosse

definitivamente reacção! Como se Mário Soares caísse na patética de se suicidar rompendo com o PPD, com os Pires Veloso, Jaime Neves e C.\*! Como se Mário Soares já não tivesse dito publicamente que está fora de causa romper com o PPD pelas razões já aqui apontadas. Ou ainda como o propôs Alvaro Cunhal e a direcção do PC, como se a esquerda revolucionária aceitasse algum dia pactuar com a social-democracia

darismo" de alguns militares; Resta-lhe, no fim de contas, MORRER ou enveredar calara e francamente para INSURREIÇÃO, no que coincidirá então e pela primeira vez, com a esquerda revolucionária.

Para a esquerda revolucionária o problema só é esse: ou Insurreição ou Fascismo; ou TODO O PODER AOS ORGÃOS DO PODER POPULAR

ou Fascismo; ou Revolução socialista com pleno emprego, fim da inflação, fim dos tachos, fim da exploração e opressão, ou desemprego acelerado, falências aceleradas, inflação acelerada, regresso em pleno dos tachos, refinação exploração e brutal-repressão; ou há ditadura do proletariado ou não há socialismo. Por outras palavras, OU INSURREIÇÃO EM PORTUGAL OU CHILE EM PORTUGAL.

através da Assembleia Nacional Popular, autêntico Conselho Revolucionário Supremo. Entregar os órgãos da Administração Local (Juntas de Freguesias, Câmaras Municipais e Governos Cívicos e outros eventualmente a criar) nas mãos dos Conselhos Revolucionários de Freguesia, Concelho e Distrito. Tudo isto rumo à existência de polícias profissionais no poder.

Tudo isto com a urgência de quem sabe ser esta a única possibilidade de evitar o fascismo.

Tudo isto com a convicção de quem não está a tentar o impossível sabe que tudo isto para que Portugal seja a primeira República Socialista Proletária da Europa e do Mundo.

## LÊ, ASSINA E DIVULGA REVOLUÇÃO



### O PC entre a social-democracia e a esquerda revolucionária

A teimosia da direcção do PC em levar por diante um projecto stalinista de capitalismo de Estado acaba de colocar entre a espada e a parede: não consegue que o PS e

esquerda revolucionária se encontrem e não opta nem por um, nem por outro. Resta-lhe, teoricamente, a hipótese suicida e criminosa um golpe mascarado com o "aparti-

pudessem lançar-se na luta revolucionária decisiva mas que no caso de estar seguro de que a dita intervenção não ia produzir-se, teria que renunciar de antemão a toda a esperança de emancipação. Porque é evidente que o capitalismo internacional não poderá assistir passivamente por espírito de conservação, à vitória do proletariado em nenhum país do mundo.

E insurreição não é projecto inviável. Longe de ser utopia, é apenas a única possibilidade prática de evitar o fascismo e de acabar de vez com a reacção organizada e infiltrada a nível do poder político-militar. E a ÚNICA hipótese de evitar uma guerra civil prolongada. E a ÚNICA hipótese de evitar a intervenção do imperialismo. E a ÚNICA hipótese de evitar a degradação futura da economia, logo da situação social, política e militar. Os dados estão jogados. Os órgãos de Poder Popular, por um lado, e os SUV por outro, abrem todas as perspectivas; permitem ver claramente qual deve ser hoje a tarefa primordial e urgente dos revolucionários e dos trabalhadores: dotar os órgãos de

Poder Popular de organização política e militar. Criar Conselhos Revolucionários de Trabalhadores e Moradores a partir de cada bairro e de cada empresa. Dotá-los de organização militar. Criar, através de secretariados e a partir dos Conselhos Revolucionários de Bairro ou de Empresa, Conselhos Revolucionários de Aldeia, de Concelho, de Distrito. Conjuguar nesses secretariados os Conselhos Revolucionários com os SUV, ponto fundamental para a criação do "Exército Revolucionário". Tudo isto rumo à Assembleia Nacional Popular em S. Bento, a um Governo Revolucionário Provisório de Transição da confiança e controlado pelos trabalhadores

## ESPAÑA 1937

Continuação da pág. 14

...Um dos argumentos predilectos empregados pelos reformistas contra a Revolução Proletária é o de que seria fatalmente abafada pelos países capitalistas.

A classe trabalhadora cometera um profundo erro se não contasse com a probabilidade de uma intervenção armada contra a revolução espanhola. Mas se o proletariado

# Revolução

Comunicação e impressão: MIRANDELA B. C.ª - Trav. Condessa do Rio, 7-9 // Distribuição: DIG - Rua das Chagas, 2 - Lisboa

## Os militantes do PS fogem para a esquerda

No Torrão, Alentejo, cem militantes do PS saíram desse partido por não aceitarem a posição de direita da sua direcção. Assim como estes outros saíram também no Norte do país e outros decerto sairão.

## Alcácer—manifestação de 4.ª feira não se faz?

A projectada manifestação de todo o Alentejo que seria feita em Alcácer na quarta-feira para apoiar a Reforma Agrária, foi posta em causa pelas divergências entre os trabalhadores de Évora, Beja, Estremoz e Alcácer, a que não é alheia a crítica em relação ao reformismo.

## Mais um conselho revolucionário

Foi eleito mais um C.R.T. na fábrica de moldes de plástico H. Abrantes, na Marinha Grande. Número de trabalhadores da fábrica - 800.

## Organização dos Moradores no Porto

Fomou-se no Porto a FRAMO, Frente Revolucionária Autónoma de Moradores e Ocupantes, que trabalhará a par do Conselho Revolucionário de Moradores e que é equivalente ao Secretariado de Moradores de Lisboa.

## Campo de minas na Ota

Fala-se que a Base Aérea da OTA está rodeada de camponeses estão contra a direita. A confirmar-se isto, é necessário alertar contra este facto, efectivamente criminoso, como se depreende facilmente.

## Reprimir ocupações, ordem do Esmoriz

A prisão de onze pessoas das que ocupavam a herdade da Azambuja (e que neste momento já foram libertadas) não é um acto isolado. Sabe-se que a PSP tem ordens do Esmoriz para reprimir as ocupações.

## Ferreira da Cunha, o M.C.S. e a P.S.P.

Na noite de 5 para 6 e na manhã de 6, os trabalhadores do MCS foram reprimidos à velha maneira pela PSP, que carregou sobre os ocupantes e manifestantes e permitiu a Ferreira da Cunha que entrasse. Entretanto este nada explica acerca dos documentos que o comprovam como ex-colaborador da super-PI-DE. E não há nada a explicar, está tudo explicado.

## As bases aéreas continuam a preparar-se

As Bases Aéreas portuguesas continuam a preparar-se para um golpe da direita, se necessário, tal como tem sido noticiado. Destas se excluem as poucas cujos oficiais são de esquerda. Mas não só as portuguesas... A Base Aérea da ROTA, importante local estratégico da NATO, está em grande actividade de preparação.

## Condições dos EUA...

Uma das condições dos EUA para entregar a Portugal o empréstimo de 35 milhões de dólares é que o governo do nosso país não deixe armas ao MPLA. E o Presidente Costa Gomes disse à delegação de rendentes portugueses de Angola que aqui vieram dizer que queriam o MPLA, que os EUA não o permitiam. País independente do nosso...

## As cautelas de Victor Crespo

Victor Crespo estava em Angola quando saiu o comunicado comum da UNITA, FNLA e ELP. Por isso, conseguiu que numa segunda versão do comunicado não saísse a palavra ELP, porque, dizia ele "em Portugal é um bocado mal visto". Aproveitamos para perguntar aos maolistas portugueses (que boicotaram de todas as maneiras a manifestação de apoio ao MPLA) se em Angola também apoiam o ELP tal como apoiam a FNLA?

## Apoios técnicos à direita liberal

Fala-se muito das armas da esquerda. Mas sobre as da direita faz-se cerimónia. Consta entretanto que o PPD recebe por várias vias (as "malas diplomáticas" não têm fundo) toda a espécie de armamento, mesmo morteiros. E que o PS recebeu um técnico cubano contra-revolucionário e residente nos Estados Unidos para treinar o seu serviço de segurança.

AVENCA

## EDITORIAL

Aproxima-se o 11 de Novembro e crescem as hipóteses de intervenção a vários níveis para alterar o actual poder político-militar.

A direita organiza a sua presença pública. Enquanto se fala na manifestação de retornados organizada no Porto por Pires Veloso, o PS, o PPD e decerto os retornados manifestar-se-ão em Lisboa. Aparece também como próxima a manifestação das mulheres ligadas ao PS e surge como possível o "golpe" militar PS, como alternativa do golpe de direita, de qualquer dos quais as manobras de guerra simulada, que foram adiadas sine die, podiam ser uma componente importante.

Entretanto e contraditoriamente a esta inteira colagem PS-direita, aparecem críticas de Sá Carneiro a este partido e aparece sobre tudo a imagem pública da coligação PS-PC-MFA, o que nos faz concluir que há fortes contradições na direcção do PS que podem levar ao afastamento duma sua parte, a que não corresponde a linha que triunfar. Qualquer das duas ficará como secretário traíção (o dinheiro para os partidos ditos "representativos" tem ordem).

A imagem PS-PC-MFA é já claramente expressa pelos abandonares do PC que no comício de Sacavém explicaram que esta é a proposta de governo. É também esta a hipótese da ala esquerda do PS, disposta a colocar o PPD na oposição. E aparece a apadrinhá-la o Primeiro-Ministro, que em Faro a propõe do mesmo modo, embora possa ainda haver para este a hipótese de apanhar a ala "esquerda" do PPD, liderada por Sá Borges.

Estamos assim perante uma convergência de interesses, que representam uma posição de classe - a da pequena-burguesia, agarrada ao exercício do poder. O que se discute depois é quem lidera este processo: o PC ou o PS? Por isso surgem duas propostas programáticas e governativas para esta mesma solução: uma oriunda dos meios PS outra oriunda dos meios PC. Ambas têm de comum o ressurgimento do "MFA" como salvador. Ambas serão obrigadas a estender a mão à esquerda revolucionária, como terceira tendência para desempatar. Mas atenção... qualquer delas não pode querer toda a esquerda revolucionária e por isso tentarão (ambas) empregar todos os meios e todas as manobras para partir a FUR.

Esta santa aliança que se avizinha e de que o documento programático que por aí circula a falar do "MFA como última esperança do nosso povo" é decerto uma expressão, puxará para o seu seio uma parte dos nove, na qual se poderão encontrar Vasco Lourenço e Pezarat.

Assim se forma uma larga faixa desde o PS (reconstruído à luz da esquerda) a hipotéticas organizações ditas da "esquerda revolucionária" incluindo "independentes" de vários matizes, alguns "nove" e todo o PC.

Está portanto definido qual há-de ser o coveiro da revolução! Ou qual havia de ser... Porque uma coisa também é certa neste elenco. É a ausência de um programa de solução económica que trave a degradação económico-social. E não é com arranjos políticos e com repressão dos trabalhadores (e quem é que arranjam para o fazer?) que esta gente soluciona. E nesse aspecto dizemos: só é possível solucionar a crise com uma profunda remodelação económica que passa pela libertação do Imperialismo e pelo sacrifício das actuais camadas privilegiadas. Sacrifício e esforço que tem de ser dum povo inteiro e para o qual é necessária uma verdadeira estrutura de Poder Popular Armado, exercendo realmente o poder. Para isso é necessária a insurreição. Todas as outras soluções (incluindo o golpe militar de esquerda) fracassarão a curto prazo exactamente por lhes faltar a componente do Poder Popular (que não é folclore, tem que ser armado).

E quanto à entrada da esquerda revolucionária para esse elenco, fabricado nas costas dos trabalhadores, aquelas organizações que forem verdadeiramente revolucionárias far-lhe-ão um gesto... feio, mas muito útil.

## SÉCULO

OS ACONTECIMENTOS OCORRIDOS DURANTE A MADRUGADA E DIA 6 NO JORNAL "O SÉCULO" OBRIGARAM-NOS A ALTERAR SUBSTANCIALMENTE O ARTIGO JÁ FEITO SOBRE ESSE CASO PELO QUE NÃO FOI POSSÍVEL POR FALTA DE ESPAÇO E TEMPO INTRODUZIR-LO NESTE NÚMERO DO "REVOLUÇÃO"